

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

PATRICIA SOLDATELLI VALENTE

O GLOBO REPÓRTER FAZ JORNALISMO AMBIENTAL?
A natureza brasileira abordada como Jornalismo de INFOtenimento
nas grandes reportagens

Porto Alegre

2013

PATRICIA SOLDATELLI VALENTE

O GLOBO REPÓRTER FAZ JORNALISMO AMBIENTAL?
A natureza brasileira abordada como Jornalismo de INFOtenimento
nas grandes reportagens

Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

Co-Orientador: Prof. Ms Carlos André Echenique Dominguez

Porto Alegre

2013



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado O Globo Repórter faz Jornalismo Ambiental? A natureza brasileira abordada como Jornalismo de INFOtenimento nas grandes reportagens, de autoria de Patricia Soldatelli Valente, estudante do curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 25 de novembro de 2013.

Assinatura:

Nome completo do **orientador**: Ilza Maria Tourinho Girardi

PATRICIA SOLDATELLI VALENTE

O GLOBO REPÓRTER FAZ JORNALISMO AMBIENTAL?
A natureza brasileira abordada como Jornalismo de INFOTenimento
nas grandes reportagens

Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

Co-Orientador: Prof. Ms Carlos André Echenique Dominguez

Conceito Final: A

Aprovado em: 11 de dezembro de 2013

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Sean Hagen

Prof^a. Ms^a Rosa Nívea Pedroso

Orientadora - Prof^a. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

Co-Orientador - Prof. Ms Carlos André Echenique Dominguez

*“Quanto mais as pessoas acreditam em uma coisa,
quanto mais se dedicam a ela, mais podem
influenciar no seu acontecimento”.*

Dov Éden

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Rudimar e Noelí, que nunca mediram esforços para que a minha formação pessoal e profissional fosse a melhor possível. Com vocês, aprendi a valorizar os momentos mais singelos da vida, respeitar a diversidade cultural das pessoas e conviver com ela, ajudar ao próximo, ter fé e lutar pelos meus sonhos. Incansavelmente, me deram o suporte necessário para a realização dos meus projetos de vida, desde os mais eloquentes que – talvez – nem vocês mesmos acreditavam, até esta monografia, que simboliza mais uma etapa de minha vida concluída. Vocês são meu amor maior.

Agradeço as minhas irmãs, Raquel e Fernanda, pelos ensinamentos compartilhados durante esses anos de convívio. Inúmeras vezes, vocês ouviram minhas angústias, ajudaram a amenizá-las e dividiram momentos de pura felicidade comigo. Um relacionamento entre irmãos é algo bem maior que um simples laço sanguíneo; é amizade, confiança, irmandade, respeito e amor. Tudo isso eu tenho ao lado de vocês.

À minha grande família, obrigada pelos incentivos, puxões de orelha, críticas e excelentes momentos de descontração proporcionados pelos encontros.

Aos meus amigos que, de perto ou de longe, sempre estiveram presentes, agradeço por me lembrarem, constantemente, que o valor da vida está na intensidade com que ela acontece ao lado de pessoas que cativamos e nos cativam.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Ilza, que em suas aulas estimulou minha inquietação pelas temáticas socioambientais e abraçou comigo a ideia deste trabalho. E também ao meu co-orientador, Carlos, que sempre trouxe considerações e apontamentos instigantes ao desenvolvimento deste estudo. Obrigada por acreditarem no meu potencial e me apoiarem nesta fase importantíssima.

E, por fim, à FABICO/UFRGS, que me proporcionou aulas incríveis com professores capacitados, de forma gratuita em uma das melhores universidades do país, que foi minha segunda casa durante quatro anos, que me trouxe novos amigos e fez muitos dos meus dias mais significativos.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo traçar um perfil de jornalismo ambiental no programa semanal da Rede Globo, *Globo Repórter*, através da análise de sete grandes reportagens sobre a natureza brasileira, exibidas entre 01 de junho de 2012 e 31 de maio de 2013. Para embasar a análise, este trabalho reflete sobre a responsabilidade social do jornalismo e o papel das fontes nos materiais jornalísticos. Discorre sobre a potencialidade da televisão em desempenhar uma função informativo-educacional, mesmo com a produção de INFOtenimento. Conceitua as grandes reportagens televisivas como espaços para conteúdos aprofundados, abrangentes e reflexivos. Teoriza a respeito do Jornalismo Ambiental, como uma nova forma de fazer jornalismo, com base em uma perspectiva multidisciplinar, capaz de inter-relacionar as várias dimensões da vida e trazer debates pertinentes à sociedade. A presente pesquisa utiliza a metodologia da Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin e categoriza as unidades de registro de acordo com os critérios de noticiabilidade do jornalismo ambiental ou outros aspectos da prática televisiva. São oito categorias: multidisciplinaridade, diversidade de fontes, visão ecossocial ou ecotecnocrática, profundidade e abrangência, superficialidade, *performance*, não categorizada e híbrida. A partir da análise, esta pesquisa identificou a categoria multidisciplinaridade em 13% de todo o material; a profundidade e abrangência em 7%; a superficialidade em 19%; os discursos ecológicos em 10%, sendo 4% ecossocial e 6% ecotecnocrático; a não categorizada em 35% e a híbrida em 3%. Diagnosticou também que os programas priorizaram o conhecimento dos especialistas; há uma diversidade de fontes, porém não há uma pluralidade de vozes. Pelos resultados obtidos, o trabalho aponta que não é possível traçar um perfil modular de jornalismo ambiental nos programas analisados. Entende que os programas são reflexivos; mas não estimulam a inquietação do telespectador. O estudo conclui que a natureza está sendo mostrada como um lugar exótico e distante das pessoas, e trabalhada como jornalismo de INFOtenimento. Por fim, propõe que, para as grandes reportagens fazerem jornalismo ambiental - apresentando um caráter mais pedagógico e comprometido socialmente -, é necessária uma remodelação nas formas de produção e um aperfeiçoamento dos profissionais.

Palavras-chave: Jornalismo Ambiental. Telejornalismo. Grande Reportagem. Globo Repórter. Análise de Conteúdo.

ABSTRACT

This study aims to trace a profile of environmental journalism in Rede Globo's weekly program, *Globo Repórter*, by analyzing seven major reportages about Brazilian nature, that were displayed between June 1st, 2012 and May 31st, 2013. In order to support the analysis, this paper reflects over the social responsibility of journalism and on the role of sources in journalistic material. It discusses about television potential to play an informative and educational role, even with the production of infotainment. It conceptualizes major reportages on TV as spaces of deepness, coverage and reflection of contents. It also theorizes about Environmental Journalism as a new way of making news, based on a multidisciplinary perspective, that will be able to connect various dimensions of life and that will bring relevant debates to the society. The present research uses the methodology of content analysis proposed by Laurence Bardin and it categorizes the registration units according to environmental journalism's newsworthiness criteria or other aspects of television practices. There are eight categories: multidisciplinary, variety of sources, ecossocial or ecotecnocrática vision, deepness and coverage, superficiality, *performance*, non-categorized and hybrid. From the analysis, this research identified the category multidisciplinary in 13% of all material; deepness and coverage in 7%; superficiality in 19%, ecological speeches in 10%, being 4% to ecossocialista and 6% to ecotecnocrática; non-categorized in 35% and hybrid in 3%. Also, it has diagnosed that the programs have prioritized the knowledge of *experts*; there is a variety of sources; but there isn't a plurality of voices. By the obtained results, the paper points that it isn't possible to trace a modular profile of environmental journalism in the analyzed programs. It understands that the programs are reflective; otherwise they don't stimulate viewer's unrest. The study concludes the nature has being shown as an exotic place and distant from the people, and also it has been worked as a journalism of infotainment. Lastly, it proposes that is necessary a redesign on the ways of making news and an improvement of the professionals in case of the major reportages intend to do environmental journalism, presenting a pedagogic character and social commitment.

Keywords: Environmental Journalism. Telejournalism. Major Reportage. Globo Repórter. Content Analysis.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Frequência das Categorias da Análise de Conteúdo no <i>Corpus</i> do Globo Repórter	55
Gráfico 2. Diversidade de Fontes no <i>Corpus</i> do Globo Repórter de acordo com a classificação das fontes	72

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Relação entre Superficialidade, <i>Performance</i>, Valorização da Imagem e Natureza como lugar intocado, a ser explorado	68
--	-----------

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Frequência de trechos por programa nas categorias Profundidade e Abrangência e <i>Performance</i>	62
Tabela 2: Frequência de trechos por programa nas categorias Superficialidade e <i>Performance</i>	66
Tabela 3: Frequência de fontes por programa de acordo com a classificação das fontes	72
Tabela 4: Frequência de aparição das fontes <i>experts</i> por especialidade no <i>Corpus</i> do Globo Repórter	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 JORNALISMO E COMPROMISSO SOCIAL	16
2.1 Notícia ou Reportagem?	19
2.2 Fontes	20
3 OS USOS SOCIAIS DA TELEVISÃO	22
3.1 Jornalismo de TV	24
3.1.1 Grande Reportagem: profundidade, abrangência e reflexão	28
3.2 Trajetória do Globo Repórter	31
4 JORNALISMO AMBIENTAL: MUITO ALÉM DA INFORMAÇÃO	33
4.1 Perspectiva Multidisciplinar	37
4.2 Diversidade de Fontes	39
4.3 Profundidade e Abrangência dos Conteúdos	41
4.4 Correntes Ecosocial e Ecotecnocrática	44
5 METODOLOGIA	45
5.1 Para Aplicar o Método	47
5.2 <i>Corpus</i>	49
5.3 Análise de Conteúdo Aplicada ao <i>Corpus</i>	51
6 ANÁLISE	54
6.1 Multidisciplinaridade	55
6.2 Discursos Ecológicos	58
6.3 Profundidade e Abrangência <i>versus</i> Superficialidade	60
6.4 Relação Cíclica: <i>Performance</i> , Superficialidade, Valorização da Imagem e Natureza	66
6.5 Fontes: Oficiais, <i>Experts</i> e População Local	72
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS	79
ANEXO 1 – Tabela A: Quantidade de <i>offs</i> e passagens analisados por categoria e por programa	83

1 INTRODUÇÃO

É crescente e constante a discussão mundial de que estamos vivendo em um cenário de crise ambiental global. Sustentabilidade, *marketing* verde, aquecimento global, sacolas retornáveis, camada de ozônio, poluição, derretimento das geleiras, catástrofes naturais são termos que já fazem parte do dia a dia das pessoas. A maneira como a sociedade compreende tais assuntos, no entanto, está intrinsecamente relacionada à forma como os principais meios de comunicação da atualidade os abordam. É, também, por meio dos conteúdos jornalísticos que os indivíduos informam-se sobre os problemas ambientais e conseguem desenvolver argumentos (sensos críticos) para discutir novos modelos de desenvolvimento (econômico, político, social) e organizar ações em prol de melhorias na qualidade de vida, com base em um sistema menos agressivo e mais harmônico aos ecossistemas.

Os jornalistas e as empresas midiáticas são um dos agentes de propagação dessas mudanças de cunho ecológico e, por isso, o jornalismo precisa mostrar seu comprometimento social no papel de formador de opinião e transmitindo informação de qualidade. A televisão, considerada ainda um dos principais meios de acesso a informação, porque atinge grande parcela da população - 97% dos lares brasileiros possuem tevê¹ -, desempenha uma importante função informacional-educativa a qual, aliada ao trabalho do jornalismo ambiental, poderia articular significativas alterações no ambiente em que vivemos. A união dos moldes televisivos com os princípios do jornalismo ambiental, numa espécie de telejornalismo ambiental, talvez tenha capacidade para despertar a consciência da sociedade, modificar hábitos, comportamentos e valores político-econômicos.

Entende-se, portanto, que essa pesquisa é tão relevante para o meio acadêmico como para a comunidade, visto que é indissociável a união entre os dois: o jornalista, que passa a informação sobre meio ambiente ao cidadão e o cidadão que, por sua vez, a interpreta para modificar ou não seus hábitos cotidianos. No meio acadêmico, verificaram-se os trabalhos realizados no jornalismo ambiental dentro das principais faculdades de comunicação do país e encontrou-se pouquíssimo conteúdo. O jornalismo ambiental ligado à televisão é praticamente nulo; a maioria dos estudos está relacionada ao jornalismo impresso ou *online*. Isso é reflexo do fato de que poucas universidades brasileiras (tanto públicas quanto privadas) oferecem a cadeira de jornalismo especializado em meio ambiente aos alunos. Acredita-se, então, que os

¹ Fonte: Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011). Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PD282>>. Acessado em: 07 jun. 2013.

estudantes que tiveram a oportunidade de estudar a disciplina em suas universidades devem contribuir para a expansão da área.

Para a comunidade, esse trabalho também tem sentido, pois contribuirá para o entendimento daquilo que é ou não é jornalismo ambiental. Muitas empresas, organizações e proprietários agregam o discurso verde ao seu discurso empresarial. O senso comum que paira sobre os cidadãos é a ideia de que aquilo que é “verde” ou “sustentável” é correto. Errado. Essa ideia não pode mais ser propagada de tal forma e, logo, entra o trabalho do jornalista ambiental. É dele a função de mostrar à sociedade que não é porque uma empresa planta eucaliptos que ela está “sendo sustentável”; ou, ainda, porque outra companhia produz o “plástico verde” que o plástico poderá ser utilizado à vontade, pois não polui. Portanto, com esse estudo poder-se-á contribuir, socialmente, para a diferenciação entre a verdadeira e qualificada informação ambiental e entre aquela que é puro *marketing* verde.

Inserido nesse contexto de produção de conteúdo jornalístico para a televisão está o programa semanal **Globo Repórter**, da Rede Globo, que aborda assuntos como natureza, aventura, ciência e comportamento. Esse espaço se caracteriza pela veiculação de grandes reportagens audiovisuais, que exigem recursos e tempo de produção maior que o jornalismo *hard news*² diário. O formato da grande reportagem vai ao encontro dos interesses do jornalismo ambiental, o qual precisa um espaço mais amplo para aprofundar e refletir sobre os assuntos tratados.

O *corpus* deste estudo é composto por sete programas referentes à natureza brasileira, reprisados entre 01 de junho de 2012 e 31 de maio de 2013 - período equivalente, mais ou menos, da época de início do projeto desta monografia até um semestre antes de escrevê-la. As edições são: ***Globo Repórter Nos Céus do Brasil – O Pampa Gaúcho, As Flores do Brasil, Brasil Abaixo de Zero, Joias da Mata Atlântica, Animais Urbanos, Monte Roraima e Expedição Tumucumaque.***

A temática ambiental, o enfoque na natureza e a mídia televisão ganharam destaque por motivos pessoais. Primeiro, porque fui escoteira por mais de oito anos e aprendi a valorizar a relação entre homem e natureza. Acredito que não podemos separar o homem da terra, dos bichos, das plantas, do ar, da água. A visão precisa ser holística. É o equilíbrio dos ecossistemas onde habitamos que permite a vida no planeta Terra. Segundo, por refletir que a natureza pode estar sendo, muitas vezes, mais propagada como local de entretenimento, lazer e aventura (contando a infinidade de belíssimas imagens que oferece) do que como um lugar

² Notícias *hard news*, também conhecidas como notícias duras, são aquelas com relatos mais referenciais e objetivos, que aparecem nos noticiários informativos diários (MOTTA, 2003).

de biodiversidade e vida, precisando ser preservada, cuidada e manejada de forma racional para a sobrevivência plena de todas as espécies. E terceiro, a televisão, porque essa foi a mídia que cresci assistindo e que, ao mesmo tempo, me fascina pela capacidade de entreter e informar, de colocar assuntos na pauta das conversas cotidianas das pessoas e aproximá-las, independente do grau de escolaridade. Por isso, acho ainda que esse meio de comunicação tem uma grande força e poderia ser explorado de maneira educativa para influenciar mudanças sociais. Assim sendo, tenho consciência de que, apesar de ter escolhido para análise somente os programas da natureza brasileira, o jornalismo ambiental e, conseqüentemente, o meio ambiente não é somente fauna e flora. Ele é bem mais amplo que isso, engloba tudo que está ao nosso redor e tem efeito direto sobre nós.

Levando em conta essas considerações, esta monografia tem como objetivo geral traçar um perfil de jornalismo ambiental produzido nos programas do Globo Repórter. Os objetivos específicos desta pesquisa são: 1) analisar a abordagem jornalístico-ambiental do Globo Repórter nos programas relacionados à natureza; 2) identificar os critérios de noticiabilidade inerentes ao jornalismo ambiental nos programas; 3) avaliar os discursos ecológicos envolvidos na narrativa jornalística; 4) apontar se os programas fornecem condições para a reflexão crítica do telespectador.

A metodologia adotada para atingir os objetivos propostos é a análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin, uma vez que é uma das metodologias mais recorrentes em comunicação. Ela permitirá inferir conhecimentos subjacentes sobre a produção das grandes reportagens audiovisuais da natureza brasileira apresentadas no Globo Repórter.

O presente trabalho desenvolve-se em sete partes. Após esta Introdução, o segundo capítulo discute o compromisso social do Jornalismo e dos jornalistas, responsáveis por fornecer aos cidadãos informações relevantes, credíveis e de interesse público, as quais estimulem os debates nas sociedades e contribuam para o desenvolvimento das democracias, bem como que seus conteúdos sejam uma forma das pessoas conhecerem o mundo que as cerca. Faz-se, ainda, um breve apontamento sobre o papel das fontes nos materiais jornalísticos e a distinção entre notícia e reportagem. O terceiro capítulo aborda a televisão como um veículo de comunicação capaz de desempenhar uma função informativo-educacional, e não apenas como uma mídia de baixa qualidade. O telejornalismo é discutido como gênero midiático, que segue características-padrão da tevê e contribui para dar credibilidade à emissora que o transmite; mas se apresenta, por vezes, como ambiente propício ao INFOtenimento. Nesse capítulo ainda, a grande reportagem audiovisual é vista

como o mais amplo gênero jornalístico, cuja proposta é a produção de conteúdos aprofundados, abrangentes e reflexivos.

No quarto capítulo, teoriza-se sobre Jornalismo Ambiental, uma nova concepção de “fazer jornalismo”, centrada em um pensamento transdisciplinar, sistêmico, menos fragmentado, que inter-relacione as várias dimensões da vida social, mostre-se preocupado com a qualidade de vida (presente e futura) dos cidadãos e traga para a esfera pública assuntos pertinentes e propulsores de debate. Reflete-se, também, sobre as mudanças necessárias no jornalismo cotidiano e aos jornalistas para colocar em prática os propósitos do Jornalismo Ambiental, bem como estimular o desenvolvimento de uma racionalidade ambiental na sociedade. No quinto capítulo é apresentada a metodologia da análise de conteúdo; explica-se o processo de delimitação do *corpus* e quais serão as categorias de análise utilizadas. O sexto capítulo do estudo compreende a parte da análise do *corpus* propriamente dita e o último capítulo traz as considerações finais da autora, seguido das referências e dos anexos.

2 JORNALISMO E COMPROMISSO SOCIAL

“*O que é jornalismo*” e “*Para que serve o jornalismo?*” são duas das perguntas mais debatidas ao longo dos cursos de graduação em Jornalismo. E o que esse primeiro capítulo desta monografia de conclusão de curso propõe é discutir uma forma de “fazer jornalismo” voltado aos interesses da sociedade, em favor da construção da cidadania e da democracia nas comunidades, onde a informação seja de qualidade e aqueles que a propagam saibam da sua responsabilidade social diante daquilo que dizem.

A mídia, em geral, tem a capacidade de influenciar significativas mudanças sociais. Historicamente, as sociedades que suprimiram a liberdade (como as ditaduras), começaram por suprimir os meios de comunicação ou manipulá-los, comprá-los e coibi-los, porque assim tornava-se mais fácil controlar a população. Tudo aquilo que é proferido nos meios de comunicação tem impacto na vida das pessoas e, por isso, a imprensa deve ficar atenta à sua função social, que “consiste em colocar a informação correta e contextualizada à disposição do cidadão, subsidiando a tomada de decisões que dizem respeito à sua vida ou à vida da sua comunidade, com mais segurança” (GIRARDI; SCHWAAB, 2008, p. 17). Pensando no papel social do jornalismo nas comunidades, Kovach e Rosenstiel (2004, p. 31) entendem que os propósitos do jornalismo são definidos pela função exercida pelas notícias na vida das pessoas e que “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que

necessitam para serem livres e se autogovernar”. Nesse contexto, os jornalistas são vistos como formadores de opinião³, “pois tem a capacidade de influenciar atitudes da sociedade através da produção e distribuição de notícias” (MORAES, 2008, p. 3). O jornalismo cumpre, assim, um papel específico, conquistado ao longo dos anos e legitimado socialmente, no qual ele produz, “para um público disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas” (FRANCISCATO, 2005, p. 167).

O jornalismo é uma forma de o homem conhecer o mundo, saber o que acontece ao seu redor e entender os fatos que repercutem na sua vida - particular e coletivamente. Meditsch (1997) afirma que o jornalismo é uma forma de conhecimento. Para ele, existe o “conhecimento de”, aquele utilizado no cotidiano, e o “conhecimento sobre”, o sistemático e analítico. A notícia jornalística estaria no nível intermediário, como forma de conhecimento da realidade.

A notícia é apresentada ao público como sendo a realidade e, mesmo que o público perceba que se trata apenas de uma versão da realidade, dificilmente terá acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalismo para construí-la e, muito menos ao que foi relegado e omitido por esses critérios profissionais ou não. (MEDITSCH, 1997, p. 10)

Por isso entra em jogo o compromisso e a ética do jornalismo para com o público. Devido à sua função comunicacional, ele é capaz de reproduzir o conhecimento que ele próprio produz e também de reproduzir o conhecimento produzido por outras instituições sociais (MEDITSCH, 1997). Logo, essas informações geradas e retransmitidas devem ser verdadeiras e fidedignas aos fatos. Caso não sejam, o jornalismo propagará um falso conhecimento sobre a realidade para a sociedade.

Quando uma informação é transmitida de uma pessoa a outra com êxito, isso implica dizer que ela foi re-conhecida pela outra, uma vez que o cérebro não é uma máquina (como um computador) onde podemos apenas depositar conhecimentos. Ocorreu, portanto, um processo de aprendizagem por parte tanto de quem ensinou quanto de quem aprendeu. O jornalismo - ao coletar, apurar e sistematizar os acontecimentos em notícias – ensina as pessoas sobre o cotidiano onde vivem ao mesmo tempo em que “reproduz a sociedade em que está inserido, suas desigualdades e contradições” (MEDITSCH, 1997, p. 11). As pessoas, por sua vez, ao compreenderem as informações repassadas, adquirem conhecimento sobre a sua

³ No Dicionário de Comunicação, formador de opinião ou líder de opinião é a pessoa cujas ideias e comportamento servem de modelo a outros. (*apud* MORAES, 2008)

realidade social e esse conhecimento pode servir de base para mudanças nos nossos modelos de mundo.

A responsabilidade social do jornalista reside, portanto, em saber que seu trabalho não é simplesmente o de fornecer informações, mas sim de fornecê-las de um jeito que as pessoas sintam-se inclinadas a ouvi-las e que isso gere um estímulo na comunidade para o “agir” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004). Tais informações devem ajudar no desenvolvimento crítico das pessoas sobre a realidade - o que ainda é um desafio para a imprensa. Para esse feito, o jornalismo precisa envolver seus leitores, telespectadores e ouvintes nas histórias que se dispõe a narrar. Isso depende, primeiro, do compromisso do jornalista, com a população e, segundo, com seu próprio trabalho.

A *Society of Professional Journalists* (SPJ)⁴ e o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros⁵ estabelecem alguns deveres e obrigações do profissional de jornalismo. Dentre alguns pontos, ressalta-se: o compromisso com a divulgação dos fatos e das informações de interesse público; a defesa pelos princípios constitucionais e legais, que são a base do estado democrático de direito; a defesa dos direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas; e a defesa da soberania nacional em seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Sem esses propósitos claros, o jornalismo não desempenha uma atividade ligada aos interesses da sociedade, voltada para a construção da cidadania e da democracia.

Outro papel inerente ao jornalismo é o de fiscalizador ou guardião das várias formas de poder. Pela SPJ, “ser vigilantes e corajosos para manter a responsabilidade dos que têm o poder”, é uma maneira de monitorar as ações do governo e de outras instituições poderosas da sociedade. Alguns autores, no entanto, consideram que essa função não se adéqua mais a realidade das redações de hoje, bastante direcionadas ao mercado da produção de notícias. Porém, com a internet e a Lei da Transparência, implantada recentemente no Brasil, talvez se abram novos espaços para que o jornalismo rerepresente esse caráter vigilante ou, então, que os jornalistas vejam nos dados disponibilizados publicamente nos *sites* da internet uma fonte de pautas e assuntos relevantes, capazes de gerar debates na sociedade e oportunizar mais conhecimento à população.

⁴ Sociedade dos Jornalistas Profissionais. Código de Ética. SPJ National Convention, 1996. Disponível em: <<http://www.spj.org/ethicscode-port.asp>>. Acessado em: 14 out. 2013.

⁵ FENAJ. Código de Ética do Jornalista. Congresso Nacional, 1987. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf>. Acessado em: 14 out. 2013.

2.1 Notícia ou Reportagem?

As notícias são o local onde a função do jornalismo e seu compromisso social com a população estão expostos diariamente. Elas são o principal objeto produzido pelos jornalistas, com a finalidade de transmitir informações referentes a uma realidade imediata, factual, nova, recente, desconhecida, algo ocorrido ontem ou hoje. A matéria-prima para tais notícias são os fatos, os acontecimentos, os eventos que ocorrem no dia a dia. Essas notícias, normalmente, chegam rápido aos ouvidos da população através do rádio e da televisão; porém “eventualmente aparecem nos documentários e reportagens programadas, que constituem a maior parte da produção jornalística moderna” (LAGE, 2008, p. 112).

A reportagem (elemento primordial deste estudo, visto que o programa jornalístico Globo Repórter não produz notícias), difere das notícias de inúmeras maneiras. Lage (2008) lista quatro: 1) a notícia trata de acontecimentos inéditos, atuais, com intensidade e que tenham proximidade e identificação suficiente com o público, mas a reportagem trata de assuntos determinados (ou não) por fatores de interesse; 2) a notícia independe das intenções do jornalista, enquanto a reportagem decorre da intenção em narrar uma visão dos fatos; 3) a notícia é mais breve, pouco durável e presa à emergência dos acontecimentos de que fala, já a reportagem é mais extensa, mais completa e mais rica no entrelaçamento dos dados e, por fim, 4) a notícia é a descoberta ou revelação de um fato novo, e a reportagem aborda a situação momentânea de determinado campo de conhecimento.

Do ponto de vista de Leñero e Marín (1986, p. 189), “pratica-se a reportagem para demonstrar uma tese, investigar um acontecimento, explicar um problema; para descrever um sucesso, para narrá-lo; para instruir ou para divulgar um conhecimento científico ou técnico; para divertir ou para entreter”⁶. As notícias, por serem relatos episódicos e momentâneos, realmente não têm como desempenhar tais práticas, uma vez que estão pressionadas pela “hora de fecho” e pela “rotinização” das redações (TRAQUINA, 1993); enquanto que a reportagem possui um tempo de produção mais longo.

Por não ser resultado de um evento instantâneo, a reportagem não precisa seguir obrigatoriamente os critérios de noticiabilidade inerentes à produção de notícias. Uma boa reportagem, por sua vez, está atenta a assuntos que sejam notáveis, relevantes, universais, atuais e que tragam alguma novidade para a população de maneira periódica e heterogênea. Dessa maneira, a reportagem, além de informar como a notícia, cumpre funções sociais,

⁶ Tradução livre, do espanhol para o português, feita pela autora. Trecho original: “El reportaje se practica para demonstrar una tesis, investigar un acontecimiento, explicar un problema; para describir un suceso, para narrarlo; para instruir o para divulgar un conocimiento científico o técnico; para divertir o entretener”.

culturais, econômicas e político-ideológico, uma vez que “ao informar, complementa e atualiza conhecimentos e, neste sentido, educa; ao transmitir conhecimento, atua sobre a sociedade e a cultura, determinando escolhas econômicas e, no fim, opções político-ideológicas” (LAGE, 2008, p. 122).

As reportagens desenvolvem-se por meio de métodos objetivos de investigação, apuração, verificação e checagem dos fatos antes da publicação, o que nem sempre acontece com as notícias que, hoje, chegam às redações através de dezenas de *e-mails* das assessorias de imprensa e são publicadas - muitas vezes - sem a devida checagem. No entanto, nem reportagem, nem notícia emergem espontaneamente do mundo real, elas acontecem da conjunção entre acontecimentos e narrativas. E, por isso, propõe Traquina (1993), os jornalistas não atuam como simples observadores passivos (aquele que transmite única e fielmente o que vê), mas sim como participantes ativos no processo de construção das realidades sociais. As escolhas das narrativas feitas pelo jornalista são orientadas “pela aparência que a realidade assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas” (TRAQUINA, 1993).

Nesse sentido, os produtos jornalísticos sempre contêm parte da subjetividade do profissional que os fez. As reportagens (em especial as televisivas, onde o repórter está fisicamente mais exposto) apresentam um caráter autoral - individual ou coletivo - mais visível, pois deixam transparecer essa subjetividade no texto, na fala ou na forma como organizam sua *performance* na mídia. “Sua subjetividade se manifesta também nas formas como o autor investe emoções, afetividade, e paixão na sua produção, em relação aos ‘atores’ e situações com que interage” (FRANCISCATO, 2005, p. 168-169). Enfim, o produto jornalístico carrega - inevitavelmente - os valores desse autor; e é a partir do entendimento dele sobre o mundo, a vida e a sociedade onde está inserido que a linha condutora de sua reportagem, bem como os ângulos, os recortes e as seleções de discursos, vozes, palavras ou imagens serão definidos.

2.2 Fontes

As diferentes vozes e discursos presentes na reportagem advêm das fontes. A maioria das informações contidas no material é fornecida por elas, e por isso a relação entre fontes e jornalistas é um negócio permanente da qual o trabalho jornalístico depende. Traquina (1993) faz três considerações sobre a importância das fontes. Primeiro, o relacionamento entre a

fonte e o jornalista é “sagrado” e protegido por lei, a Lei de Imprensa, a qual possibilita ao jornalista não divulgar, em hipótese alguma, a identidade da sua fonte caso ela tenha solicitado ou corra risco de vida. Segundo, as fontes de informação têm interesses e, para poder acreditar nelas, é preciso que provem sua credibilidade. Terceiro, “quanto mais alta é a posição do informador melhor é a fonte de informação” (TRAQUINA, 1993, p. 172). Existe uma convenção entre os jornalistas: conforme a posição que uma pessoa ocupa, mais ela deve ter acesso aos fatos e, conseqüentemente, seu discurso tem maior credibilidade.

Há, inclusive, classificações de acordo com a natureza das fontes, visto que a autoridade tem favorecido algumas escolhas de fontes. Lage (2008) organiza-as em: a) oficiais, oficiosas e independentes; b) primárias e secundárias; c) testemunhas e *experts*.

Fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. Fontes independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso. (LAGE, 2008, p. 63)

No segundo caso, as fontes primárias são as que fornecem fatos, versões e números essenciais à matéria do jornalista; enquanto que as fontes secundárias são as consultadas para a organização da pauta, esquematização de contextos genéricos ou ambientais. E no terceiro grupo, as testemunhas são as que presenciaram o fato e se utilizam bastante da emoção para reescrever a narrativa aos repórteres; já os *experts* normalmente são fontes secundárias também, a quem se recorre para buscar versões e interpretações de dado acontecimento. Nesse caso, é conveniente ouvir mais de um especialista e variar os especialistas de vez em quando (LAGE, 2008).

Segundo a SPJ, os jornalistas devem “dar voz a quem não a tem; fontes oficiais e não oficiais de informação podem ser igualmente válidas”, bem como “apoiar o intercâmbio aberto de visões de mundo, mesmo de visões consideradas repugnantes”. Muitos estudos acadêmicos, entretanto, confirmam a predominância das fontes oficiais no material jornalístico⁷. Isso se deve ao fato de que essas fontes são mais fáceis de contatar e, por ocuparem altos cargos, são vistas como melhor informadas e, portanto, mais aptas a falar (TRAQUINA, 1993). As fontes oficiais fornecem furos, conhecimentos mais seguros e completos aos jornalistas. A relação de constante negociação com as fontes e a busca por profissionais que estejam suficientemente preparados para falar, refletem num tipo de trabalho que, nem sempre, está alinhado à natureza de cunho social da profissão.

⁷ Leon Sigal (1973), Molotch e Lester (1975), Sood, Stockdale e Rogers (1987).

Há, ainda, o que Bueno (2008) chama de “síndrome Lattes”, isto é, a busca por fontes que disponham de currículo acadêmico, por acreditarem que tal qualificação transmite credibilidade ao discurso. Como consequência, reproduz-se uma exclusão social e diminuiu-se a diversidade de vozes. E, o principal, se essas vozes opõem-se ao discurso editorial das empresas jornalísticas, dificilmente farão parte de algum dos lados da narrativa do repórter.

3 OS USOS SOCIAIS DA TELEVISÃO

Neste capítulo, a discussão sobre televisão está orientada pelo seu caráter informativo-educacional, ou seja, entendida como meio capaz de veicular mensagens com conteúdos relevantes à população. Esta mídia é o suporte através do qual o Globo Repórter materializa sua informação jornalística ao grande público brasileiro e, por isso, deve ser estudada como parte elementar do processo de produção das reportagens, visto a gama de elementos exclusivos que só o “fazer para a televisão” apresenta.

A partir da segunda metade do século XX, a televisão surgiu como um marco comunicacional e social. O novo meio professava o fim da era do rádio e mudanças profundas na sociedade e na forma como as pessoas captavam o mundo ao seu redor. O sistema de áudio e imagem concomitantemente trouxe para os telespectadores outras formas de experimentar o mundo, com sensações e sentimentos mais exacerbados e mais próximos de seu cotidiano. Os aparelhos de televisão ganharam lugar de destaque nos ambientes domésticos (nas salas de estar) e, como num momento quase sagrado do dia, as famílias reuniam-se em torno do aparelho para assistir a programação.

Por ter se tornado tão popular em curto prazo, modificando rotinas e a vida das pessoas, alguns estudos⁸ negaram os sentidos do papel da televisão para a construção da realidade nas sociedades, abordando-a como meio popularesco “de massa” (MACHADO, 2000). No entanto, tais estudos não prestaram atenção para as experiências poderosas, singulares e fundamentais que ela proporcionava. Isso criou a impressão de que aquilo que passa na tevê é sempre trivial, supérfluo e irrelevante à compreensão de mundo, fazendo com que se esquecesse duma série de outros trabalhos interessantíssimos que a tevê produz e transmite, os quais - talvez - nunca se teria acesso senão através dela. Mas, por mais que os

⁸ Theodor Adorno, por exemplo, no texto “*Television and The Mass Culture Patterns*” - publicado no *Quarterly of Film, Radio and Television* (1954) -, demonstra a televisão como um objeto “mau” por natureza, não examinando e observando de forma sistemática o que ela efetivamente veiculava. (MACHADO, 2000).

estudos avancem, Machado (2000, p. 16) considera que a ideia de televisão como “um ‘serviço’, sistema de difusão, fluxo de programação, ou, numa acepção mais ‘integrada’, produção de mercado”, com foco nos sistemas econômico, político e tecnológico, ainda está bastante presente.

Bucci (2000) reconhece também que existe uma recusa intelectual dos estudiosos à televisão - nem sempre “levada a sério” - porque é algo sobre o qual não se dedica tempo a refletir. Soma-se a isso o fato de que a televisão foi vista como uma “máquina de influenciar mentes” e “baixar o nível cultural” das pessoas, ao invés de ser entendida como uma oportunidade de ampliação para a cultura de massa (WOLTON, 2003). Nessa perspectiva, os telespectadores são tidos como uma massa amórfica, acrítica e passiva, que apenas consome o que lhes é transmitido sem poder de decisão sobre o que assistem.

Hoje em dia, porém, sabe-se que a televisão não tem toda essa capacidade de manipulação e que o público é suficientemente inteligente para manter certo distanciamento daquilo que lhes é apresentado. A televisão não impõe coisas e nem faz o que quer com a audiência, porque “assistir não significa forçosamente aderir ao que se vê” (WOLTON, 2003, p. 62). Atualmente, então, com a variedade de canais (tanto abertos quanto pagos), o público pode acompanhar aquilo que lhe agrada (dentro das opções fornecidas) e conforme os horários da sua rotina de vida. Essa “grande oferta” de conteúdos televisivos atrai inúmeros telespectadores; e, ao mesmo tempo em que lhes fornece entretenimento, fornece também informação para a compreensão do mundo que os cerca.

Por outro lado, a TV possui os mecanismos apropriados para regular e “ordenar hábitos dispersos em códigos reconhecíveis e unificadores” (BUCCI, 2000, p. 12). Um exemplo do poder de unificação da televisão é no Brasil, onde as imagens propagadas pela tevê conseguem unir um país tão dividido cultural, social e economicamente em torno dos mesmos acontecimentos, compartilhando as mesmas emoções. “Diante da tela, os brasileiros torcem unidos nos eventos esportivos, choram unidos nas tragédias, acham graça, unidos, dos palhaços que aparecem. Divertem-se e se emocionam.” (BUCCI, 2000, p. 11). Isso ocorre porque o conteúdo televisivo consegue, através de uma sintaxe de linguagem e imagens que “valem mais que mil palavras”, unificar diferentes públicos em um único público, facilitando a comunicação e o entendimento nacional.

Pensando nos usos sociais que se faz da televisão no cotidiano, vê-se o quanto, apesar das evoluções tecnológicas, ainda se está conectado a ela para o entendimento do que acontece nos arredores. Segundo pesquisas realizadas nos EUA, a televisão é a mídia da qual os norte-americanos mais dependem, ainda, para obterem informações (58% dos adultos

afirmaram assistir as notícias na TV todos os dias)⁹. De acordo com a última pesquisa do IBGE, divulgada em 2011, quase 97% dos domicílios particulares permanentes brasileiros tem televisão em cores¹⁰. Ou seja, a TV continua sendo a principal fonte de informações de inúmeras pessoas.

A tevê, no entanto, não é usada apenas como meio para a obtenção das informações diárias, através dos noticiários. Ela mescla conteúdos de cultura, entretenimento, lazer, cidadania e conhecimento com toda a tonalidade, movimentação, sonoplastia e espetáculo que cada temática comporta, buscando sempre homogeneizar a heterogeneidade da sua audiência. E, fazendo isso, ela possibilita que pessoas de diferentes classes, etnias, religiões e posições político-ideológicas reconheçam-se na tela, sintam-se parte dela.

Para muitos estudiosos¹¹, o espetáculo é uma forma de banalização e empobrecimento do conteúdo e, conseqüentemente, se o material é banal é porque não tem qualidade, não agrega valor construtivo ao espectador, está superficial. Porém, Wolton (2003) acredita que a televisão consegue aliar espetáculo e cultura, entretenimento e qualidade, porque existe uma “necessidade de distração” por parte do telespectador ao ligar a televisão. Se a técnica televisiva fosse demasiado rígida e estática poderia haver um desinteresse por parte do público; logo, o meio não conseguiria desempenhar “seu papel de abertura ao mundo, tanto para a experiência pessoal quanto para o acesso à história” (WOLTON, 2003, p. 63). Portanto, ao desempenhar um papel de abertura para o mundo, a tevê informa, educa, sociabiliza, entretém e age como pautadora das conversas cotidianas, devido à sua capacidade de unir pessoas e audiências completamente distintas em torno dos mesmos programas.

3.1 Jornalismo de TV

Os programas telejornalísticos têm audiência e presença garantida na programação televisiva, por ser um gênero que, ao legitimar-se frente à população, simultaneamente, confere credibilidade a emissora que os transmite.

Em função da técnica televisiva, várias mudanças aconteceram, em especial, na construção do texto jornalístico.

⁹ Pesquisa divulgada na obra *A tecnologia digital e o jornalismo: as implicações para a Democracia* de John V. Pavlik, em 2011, pela Brazilian Journalism Research.

¹⁰ Fonte: Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011). Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=PD282>>. Acessado em: 07 jun. 2013.

¹¹ Guy Debord (1967), José Arbex Júnior (2005), Edgar Morin (2011).

[...] se até então (o texto) se caracterizava como um relato oral de notícias, utilizando como principal recurso retórico a imposição da voz dos apresentadores, passou a se estruturar a partir da articulação entre imagens e sons, entre linguagens visuais e sonoras, sobredeterminadas pelos meios técnicos de produção, circulação e consumo dos produtos televisivos (DUARTE; CURVELLO, 2009, p. 69).

Dentre as mudanças citadas, a mais significativa foi a inserção da imagem em movimento ao “fazer jornalístico”, visto que antes eram utilizadas apenas no cinema. Para Bucci (2000), um bom relato do real não serve ao jornalismo de tevê se não estiver acompanhado de boas imagens e, de preferência, imagens impactantes que mereçam um bom tempo nos programas jornalísticos. Essas imagens impactantes são usadas justamente para chamar a atenção do público, surpreendê-lo e assustá-lo.

Para chamar a atenção do público, portanto, as imagens e as informações jornalísticas na atualidade precisam atender a certas demandas da sociedade. O público receptor

espera encontrar uma matéria que, ao mesmo tempo, satisfaça suas necessidades e seus interesses de formar, informar e distrair, permitindo-lhe vivenciar o fato, já que o consumo da informação é feito naquele tempo destinado ao lazer, à diversão. (DEJAVITE, 2008, p.40)

A prática jornalística que satisfaz essa demanda é a do jornalismo de INFOtenimento (ou *infotainment*, do inglês), isto é, que trata ao mesmo tempo informação e entretenimento. O conteúdo das matérias classificadas como INFOtenimento é definido conforme a narrativa da matéria (utilizando a personalização, a dramatização, o segredo, a emoção, e outros recursos) e também conforme os assuntos. São, normalmente, aquelas que “satisfazem nossas curiosidades, estimulam nossas aspirações, possibilitam extravasar nossas frustrações e nutrem nossa imaginação” (DEJAVITE, 2008, p. 41), a exemplo das matérias sobre comportamento, *hobbies*, esportes, turismo e lazer, cultura, gastronomia, curiosidades em geral, crenças, beleza e estética etc.

Na contemporaneidade, as fronteiras entre jornalismo e entretenimento não vêm se mostrando muito nítidas e a sobreposição entre elas têm se tornado frequente (DEJAVITE, 2008). As questões provenientes dessa mescla são: o limite ético que separa jornalismo e entretenimento torna-se cada vez mais indistinguível e há uma forte inclinação para o triunfo da emoção sobre a razão. Existe, por isso, uma rejeição tanto pela academia como por boa parte dos profissionais pelo INFOtenimento. Esses fatores, contudo, do ponto de vista de Defleur e Ball-Rockeach (*apud* DEJAVITE, 2008), não são motivos suficientes para julgar a prática como algo menor ou menos importante dentro do jornalismo, uma vez que o entretenimento constitui uma forma de sociabilização, capaz de ensinar as pessoas novos valores e normas para lidar com as outras. Por isso, nada impede que uma mesma matéria informe, entretendo ou entretenha, informando.

O ambiente televisivo, por sua vez, é um lugar propício para a prática do INFOtenimento, visto que a sua grade de programação é composta - em grande parte - por programas jornalísticos e de entretenimento. Costa (2011) entende que não há como negar a presença de estratégias narrativas associadas ao entretenimento no telejornalismo dos dias de hoje, porque existe uma disputa pela audiência em função da variedade de meios que as pessoas têm ao alcance para obter informações.

No caso específico do Globo Repórter, o qual não é um programa meramente informativo, Costa (2011) coloca que a informação é “frequentemente oferecida como uma atração, algo sensacional ou fora do comum” para chamar a atenção do telespectador diante de coisas novas e inusitadas. O programa lança mão da atração/sedução, inclusive, por causa do fato de o telejornalismo produzido não ser aquele ligado ao factual, cuja promessa é atualizar o telespectador sobre os acontecimentos diários; mas sim orientado às questões do dia a dia, que estão em pauta na sociedade.

O Globo Repórter investe em elementos narrativos e de atração que acessem outras dimensões humanas, que não as cognitivas, apenas. Trata-se das dimensões afetivas, sensoriais e de prazer dos telespectadores. Mas isso não implica, necessariamente, num enfraquecimento da função informativa do programa. (COSTA, 2011, p. 169)

Se o INFOtenimento, entretanto, for produzido eloquentemente contribuirá para transformar o telejornalismo em um constante espetáculo. Bucci (2000) acha até pertinente que o telejornalismo faça algum espetáculo na tentativa de buscar um vínculo mais afetivo com o “freguês”, contanto que mantenha a seriedade no tratamento das informações e não as transforme em algo constantemente superficial.

A preocupação, portanto, em manter os valores jornalísticos universais, como o interesse público, a objetividade, atualidade, credibilidade, independência e legitimidade, ajuda a nortear a produção jornalística de TV, para que não haja evasão dos objetivos inerentes ao jornalismo (informação de qualidade e compromisso social) em favor do espetáculo e do entretenimento (aspectos requeridos pelo meio). Por isso, além dos telejornais diários, a exemplo do Jornal Nacional, com um modelo noticiário e *hard news*, a maioria das emissoras possui outros formatos de programas jornalísticos, normalmente semanais, produzidos a partir de relatos mais livres/alternativos, os quais também estão em conformidade com os valores jornalísticos e, se bem feitos, contribuem à credibilidade da emissora que os produz – a exemplo do Globo Repórter, que se dedica a apuração de assuntos para grandes reportagens.

De acordo com a proposta de Motta (2003), existem dois tipos principais de relatos jornalísticos: os estritamente referenciais e objetivos (*hard news* ou notícias “duras”) e aqueles mais narrativos (*soft news* ou notícias “brandas”). O que difere os dois estilos não são as temáticas tratadas, mas sim a forma linguística de tratá-los, o que também não significa dizer que *soft news* e *hard news* são opostos. No espaço noticioso dos telejornais diários, predominam os “relatos descritivos que pretendem apenas informar sobre os eventos internacionais, políticos, econômicos, urbanos, jurídicos, policiais e esportivos” (MOTTA, 2003, p. 27). Além disso, nessa proposta, o jornalista tem a função de transferir um relato preciso, claro, direto e objetivo ao seu receptor, com base em uma interpretação racional, sem se posicionar de um dos lados do acontecimento ou fazer interpretações emocionais do ocorrido.

Já nas *soft news*, conhecidas no Brasil como “notícias de interesse humano”, o valor informativo e a utilidade da informação são menos perceptíveis

porque nelas os valores-notícia tradicionais, tais como proximidade, impacto e importância do fato ou a proeminência das pessoas envolvidas estão arrefecidos ou inexistem, enquanto sobressaltam os aspectos humanos dos acontecimentos narrados. Da mesma forma, elas são escritas numa linguagem mais livre, menos formal, mais distante dos cânones da objetividade jornalística. [...] Em geral, “contam histórias” mais do que descrevem ocorrências. (MOTTA, 2003, p. 29)

Se “cada um destes dois subgêneros remete a uma *performance* distinta dos atores no ato comunicativo” (MOTTA, 2003), então, subentende-se que no relato jornalístico *soft* o repórter tem maior abertura para criar sua narrativa, inclusive com traços literários. Sendo assim, o repórter é o principal responsável por conferir a um formato jornalístico determinado estilo narrativo. No momento da gravação, é ele quem decide quais são os recortes da realidade de um dado fato que se tornarão público e por meio de que linguagem ou estilo narrativo isso acontecerá. Como propõe Duarte e Curvello (2009),

o ator discursivo de um programa televisual – apresentador, âncora, repórter, entrevistador – concentra em sua pessoa também uma função de mediação, encarregando-se por delegação da enunciação, da proposição, modulação, gradação e manutenção do tom a ser conferido a um produto televisual. (p. 61-62)

Como condutor/mediador dos programas jornalísticos que apresenta, esse repórter protagoniza em cena uma caricatura de si mesmo enquanto ator social. Através de determinados comportamentos diante das câmeras, como atitudes, gestos, a utilização de bordões e figuras de linguagem, as vestimentas etc., o repórter constrói sua própria identidade social frente ao público, o que ajudará a dar credibilidade (ou não) ao seu discurso e, conseqüentemente, ao programa jornalístico e à emissora (DUARTE; CURVELLO, 2009). E ao atuar em cena, ele intervém na produção do material. Nesse modo participativo, quando

aparece em conversas com a equipe de reportagem ou com o entrevistado, o repórter evidencia sua presença no local de gravação e legitima o conteúdo divulgado.

A chegada do videoteipe e da câmera de vídeo às redações dos telejornais foi essencial para que o repórter passasse a fazer parte do material produzido e o jornalismo de TV abandonasse formatos tradicionais e tão engessados de produção de conteúdo. Com a câmera de vídeo portátil é possível criar registros sem interrupção e fazer conteúdo ao vivo, onde o repórter narra seu relato de forma menos formal e mais arbitrária. Ao aparecer e desaparecer diante da câmera, com *performances* e pensamentos espontâneos, ele “força” certa realidade a acontecer diante da tela (ROLDÃO *et al*, 2007).

A linguagem utilizada pelos telejornalistas, no entanto, é demasiado importante, pois ao mesmo tempo em que ela deve transmitir conhecimento e informação precisa sobre determinadas questões, ela tem que ser compreensível e atraente a um grande público disperso, com o intuito de mantê-lo conectado ao programa. Em função disso, os programas jornalísticos de tevê obedecem a algumas regras de padronização da linguagem. Por mais que o repórter tenha espaço para criar e atuar na cena que grava, ele deve formular textos que sejam claros, com palavras o mais próximo possível do vocabulário cotidiano (evitando o uso de expressões locais, estrangeirismos ou palavras rebuscadas); sem, no entanto, produzir um conteúdo pobre ou lesar a língua portuguesa.

Além de todos esses critérios que influenciam ou agregam valor ao material telejornalístico, há ainda a parte dos recortes e das seleções feitas durante a etapa de edição. Sabe-se que bons produtos jornalísticos são aqueles que ficam o mais próximo possível da realidade, mantendo fidelidade à realidade existente. Porém, de maneira geral (em todos os meios de comunicação), uma mesma realidade pode produzir relatos completamente diferentes e ao mesmo tempo todos verdadeiros. Primeiro, porque as fontes que falam nas diferentes mídias e programas nem sempre são as mesmas, mesmo que a questão em debate seja igual; e segundo, existirão diversos tipos de realidades conforme o número de operações, focalizações, montagens e edições para gravar e produzir o material (DUARTE; CURVELLO, 2009).

3.1.1 Grande Reportagem: profundidade, abrangência e reflexão

A grande reportagem televisiva nasceu do cruzamento entre cinema e jornalismo e se originou, em geral, de relatos de grandes aventuras, epopeias e viagens.

Leva mais tempo para captar, editar [...] a grande reportagem se define hoje mais pelo que ela não é, numa oposição ao jornalismo diário. Ainda assim, ela precisa de atualidade, algo que dê sentido à sua existência numa televisão comercial. [...] as grandes reportagens das tevês abertas têm sempre uma utilidade, um objetivo. (DE LA RUE, 2006, p. 186)

De La Rue (2006) define grande reportagem como um híbrido, um “jornalismo com roteiro”, onde aparecem informações cruzadas de vários campos do conhecimento. Essa hibridização permite que o jornalista tenha maior abertura para produzi-la, que ele vá além dos objetivos básicos para o entendimento da informação e utilize recursos capazes de provocar a reflexão do espectador. A grande reportagem difere do jornalismo diário justamente porque tem como principais características buscar o aprofundamento, as causas e consequências do tema em questão, possibilitando uma maior retenção das informações por parte do telespectador (ROLDÃO *et al*, 2007). E, mesmo não estando relacionada ao factual dos telejornais diários, a grande reportagem sempre terá uma ligação com os assuntos que estão em pauta na mídia.

As grandes reportagens são elaboradas para ampliar, complementar, analisar, aprofundar e explicar assuntos, os quais as notícias diárias não dão conta. Da mesma maneira que a reportagem de impresso, a grande reportagem televisiva “investiga, descreve, informa, entretém, documenta” (LEÑERO; MARÍN, 1986, p. 41). Para que essa investigação obtenha resultados positivos é necessário que as histórias contadas tenham um bom começo, meio e fim. A apuração depende das escolhas dos personagens para compor a reportagem, das histórias que serão narradas, das fontes que contribuirão e da pertinência das entrevistas.

A grande reportagem é o mais amplo dos gêneros jornalísticos na televisão; por isso, ela é constituída pelos outros gêneros, como a muito utilizada entrevista. Uma grande reportagem geralmente é construída a partir de uma cabeça (ou abertura), de fontes e/ou personagens, de entrevistas, enquetes, sonoras, passagem e *off* do repórter, boas imagens e sonoplastia. A cabeça (texto de introdução) é feita por um apresentador que, na maioria das vezes, não é o repórter. No caso do Globo Repórter, o apresentador é o Sérgio Chapelin, que não atua como repórter. Hoje, porém, algumas edições contam com a apresentação de Glória Maria, a qual também atua como repórter. As entrevistas, as enquetes e as sonoras são elementos associados à participação das fontes na matéria.

As entrevistas podem ser, segundo Leñero e Marín (1986), noticiosas ou de informação, de opinião e de semblante¹². A primeira é aquela que coleta informações essenciais para relatar o ocorrido, sejam informações técnicas ou teórico-explicativas; a

¹² Tradução livre, do espanhol para o português, feita pela autora. Trecho original: “Entrevista noticiosa o de información, entrevista de opinión, entrevista de semblanza” (p. 91).

segunda é a que recorre a opiniões e juízos de valores e a terceira é usada para fazer um retrato físico e psicológico do entrevistado (não utilizada no Globo Repórter). As sonoras (trechos editados de entrevistas inseridos na matéria) e as entrevistas são peças-chave para o embasamento do conteúdo narrado pelo repórter; enquanto que as enquetes (o fala-povo) autenticam essa narrativa na medida em que aproximam o público do conteúdo, porque é o próprio cidadão que está na tevê falando o que pensa sobre determinado assunto.

Apesar de a grande reportagem surgir a partir de uma reunião de pautas e seguir a linha editorial de determinada emissora, ela possibilita que o repórter se expresse de maneira mais autoral, pois ele é o fio-condutor da narração. Através da passagem (aparição do repórter no vídeo durante a grande reportagem, localizando o espectador de onde se passa um fato e, ao mesmo tempo, enfatizando determinadas informações) e do *off* (texto do repórter sobreposto às imagens gravadas), o repórter põe em ação sua subjetividade, intelecto e criatividade.

Como fio-condutor de uma narrativa composta por vários discursos, o repórter precisa ter o *know-how* das técnicas inerentes ao jornalismo (apuração, verificação, entrevista, escrita etc.) e das diversas tecnologias (de captação, edição, transmissão), para produzir grandes reportagens de interesse, gosto e compreensão do grande público/ “massa difusa”, com linguagem simples e redundante (DE LA RUE, 2006). A linguagem do texto é primordial, porque é por meio dela que se atinge um público maior e mais heterogêneo, aspectos almejados pela televisão e que configuram abrangência ao gênero.

As evidências visuais dão uma realidade densa de sentido ao conteúdo (DE LA RUE, 2006). Os repórteres sabem que as imagens trazem informações sobre o mundo e que a força de muitas delas, às vezes, pode até suprimir os textos que as cobrem. Nesse momento, então, “o repórter praticamente some de cena e deixa a história fluir por si só” (DE LA RUE, 2006, p.186). As imagens aliviam a densidade e extensão da grande reportagem, tornam o conteúdo mais atrativo e ratificam o texto do repórter quando mostram exatamente aquilo que é narrado.

Agregado às imagens, está o som que, quando não é o da voz do repórter ou das fontes, é o som ambiente, de uma música ou o próprio silêncio. Som e imagem são o grande diferencial da reportagem de impresso para a televisiva, pois nessa há uma gama de elementos narrativos disponíveis, como pausas, silêncios, ruídos, suspiros das pessoas, entre outros, os quais a favorecem e enriquecem. O som musical ao fundo das imagens ou o silêncio do repórter ao final da narração gera, inclusive, uma quebra no ritmo frenético da TV, propiciando ao espectador um tempo para refletir sobre aquilo que assistiu.

Assim, diante da quantidade de elementos narrativos oportunizados pelo ambiente televisivo, a grande reportagem tenta desempenhar uma função jornalística aparte da produção de notícias diárias. Com rotinas de produção com prazos mais largos, espaço de exibição mais longo, diversas técnicas profissionais e fontes de informação, a grande reportagem propõe-se a apresentar conteúdos aprofundados e abrangentes, que abram espaço para a reflexão do telespectador.

3.2 Trajetória do Globo Repórter

Em três de abril de 1973 foi ao ar, pela primeira vez, o programa Globo Repórter (GR) da Rede Globo, o qual “se destinava a analisar com mais profundidade os principais acontecimentos jornalísticos nacionais e internacionais do mês”¹³, uma vez que o espaço nos telejornais diários era reduzido para a tarefa.

Inicialmente o GR surgiu em formato de documentário, reprisado uma vez por mês, na terça-feira, às 23h, com temáticas variadas e aproximadamente 40 minutos de exibição, devendo se destacar “pela diversidade estética e narrativa, apostando muito mais nas perguntas e dúvidas do que nas respostas” (ROLDÃO *et al*, 2007, p. 108). Apesar do nome, o programa não contava com a participação de repórteres, a maioria dos que trabalhavam eram diretores provenientes do cinema. As equipes eram pequenas e trabalhavam isoladas do núcleo de jornalismo da Rede Globo. Havia duas: uma no Rio de Janeiro e outra em São Paulo. Os documentários, segundo Pontual (1994, p. 96), “seguiram o modelo tradicional, em que há um texto lido por um narrador e imagens que acompanham esse texto” e, no caso, quem lia esses textos era o apresentador Sérgio Chapelin. Um ano após a estreia, o programa passou para as 21h. O primeiro diretor foi Moacyr Masson.

O formato documentário permaneceu na TV até o início dos anos 80, quando a produção de vídeo reportagens mostrou-se bem mais barata do que a existente. Isso gerou fortes consequências aos programas televisivos, que tiveram que se adaptar para poder baratear os custos e controlar melhor (lê-se: poder editar mais) aquilo que era produzido. “A produção em filme era cara e lenta, porque era preciso esperar o tempo da revelação” (PONTUAL, 1994, p. 98). A primeira mudança significativa, em 1982, foi quanto aos conteúdos: o GR passou a abordar apenas quatro assuntos diferentes no mesmo episódio ao invés de temas variados. Nessa época, o GR passou a ser exibido no horário das 22h30, o que

¹³ Informação obtida no *site* do Globo Repórter. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-reporter/>>. Acessado em: 10 ago. 2013.

diminuiu a audiência e o fez sair do ar. Retornando à televisão em setembro do ano seguinte, ocorreu a segunda grande mudança, que era referente ao formato e, em especial, à linguagem utilizada: o repórter passou a ter maior destaque do que o cineasta. Acrescenta-se a isso o fato de que o GR passou a ser responsabilidade da Central Globo de Jornalismo e não mais da área de Produção da Rede Globo, como era até então.

O primeiro GR gravado e editado em fita foi ao ar no dia 10 de junho de 1982¹⁴. No novo formato, a linguagem cinematográfica foi completamente dispensada e o padrão do programa passou a ser o de 60 minutos, como na TV norte-americana; enquanto que a figura do “repórter herói”, conforme propõe Roldão *et al* (2007), entrou em cena, configurando um caráter mais informativo ao programa.

O narrador estático que conduzia o programa foi substituído pelo repórter, centro da narração, que assumia junto com o câmara a condição de testemunha do fato. A credibilidade das matérias advinha dos jornalistas, que iam ao local dos acontecimentos e transmitiam ao telespectador a emoção vivida¹⁵.

Além disso, Pontual (1994) aponta que o repórter começou a aparecer no vídeo como investigador e condutor da matéria, conferindo maior ritmo e dinâmica aos programas. Era feito ao estilo *news magazine* (revistas), com a apresentação de três assuntos, os quais tinham mais tempo e espaço do que nos telejornais diários para serem detalhados.

Nos anos 90, sob a direção de Jorge Faure Pontual, foi realizada uma pesquisa sobre a preferência do público do GR. A classe A disse preferir um único tema por programa, por ter a informação prévia sobre determinado assunto o qual desejavam que fosse aprofundado. Já as outras classes preferiram três ou mais assuntos por noite (PONTUAL, 1994). Em 1993, o GR adotou, então, o sistema de uma temática por edição, as quais variavam de acordo com o que o público demonstrava, através dos índices do IBOPE, gostar mais e aquelas que, de alguma forma, pudessem contribuir para a melhoria da vida das pessoas.

Fora do dia a dia, o que atrai muito as pessoas é a linha de aventuras – levar o espectador até lugares onde ele nunca foi ou a fazer coisas que nunca fez. Esses programas, além de mexerem com a curiosidade, permitem uma riqueza de imagens muito importante, porque, às nove e meia da noite, o público quer não só informação, mas também entretenimento. O Globo Repórter é um programa jornalístico, mas é espetáculo também. Se não for muito bem produzido e atraente do ponto de vista da imagem, não atende às expectativas. (PONTUAL, 1994, p. 101)

Essa linha editorial apresentada por Pontual (1994) mantém-se praticamente igual à dos dias de hoje, mesmo com a saída do editor-chefe Jorge Faure Pontual, em 1995, e com a

¹⁴ O Repórter na TV. Memória Globo. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/globo-reporter/o-reporter-na-tv.htm>>. Acessado em: 05 set. 2013.

¹⁵ Ver nota 14.

entrada da atual editora-chefe Silvia Sayão. Desde 1996, o perfil do público vem mudando (com o crescente aumento das audiências das classes C e D) e, por isso, as temáticas estão sendo mais abrangentes e a linguagem tornou-se mais ampla e acessível.

4 JORNALISMO AMBIENTAL: MUITO ALÉM DA INFORMAÇÃO

O interesse das mídias pelas questões ambientais surgiu na década de 1960, com a ascensão de movimentos ambientalistas, e começou a receber maior destaque em 1972, quando a Conferência de Estocolmo aprovou a Declaração sobre o Meio Ambiente, incentivando países e organizações internacionais para a luta ambiental. “O final da Conferência de Estocolmo e os impactos da exploração humana, especialmente a descoberta da camada de ozônio, foram marcos da consciência ambiental” (MORAES, 2008, p. 7). Foi então que o debate público sobre os problemas causados ao meio ambiente, devido ao desenvolvimento industrial acelerado (a todo custo) se intensificou embasado na exposição de dados científicos (relatórios, painéis, declarações), que comprovavam os resultados negativos da ação humana sobre a natureza. Um exemplo disso é o *Intergovernmental Panel of Climate Change*¹⁶ que, nos anos 1990, 1995, 2001 e 2007, alertou para as mudanças climáticas que o planeta estava enfrentando e enfrentaria, caso algumas medidas não fossem tomadas.

Algumas medidas vieram com a Conferência Mundial da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro, a ECO-92 - um momento único para o meio ambiente no âmbito jornalístico -, porque os meios de comunicação abriram espaços nas suas editorias para a cobertura diária do evento, bem como criaram editorias exclusivas, segmentos, cadernos e suplementos especializados no assunto. Na oportunidade, foi criado o documento *Agenda 21* brasileira, que prevê, justamente, o uso pedagógico-social dos veículos de comunicação. O jornalismo ambiental (JA) ganhou maior visibilidade e, como consequência, inúmeras temáticas importantes relacionadas à vida da sociedade, como poluição do solo e da água, separação correta de lixos, desmatamento, destruição da camada de ozônio e desenvolvimento sustentável, entraram na pauta das empresas jornalísticas.

Vinte anos depois, a Rio +20, realizada em junho de 2012 no Rio de Janeiro, mostrou que a cobertura sobre meio ambiente brasileiro aumentou muito; porém a prática “não tem sido acompanhada por um esforço sistemático de definir os limites desta área e de refinar

¹⁶ Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas.

conceitos; pela realização de pesquisas para avaliar, qualitativa e quantitativamente, o perfil desta cobertura [...]” (BUENO, s/d, documento eletrônico).

A fim de se discutir JA, primeiro é necessário pensar o que o termo meio ambiente significa e representa atualmente. Compartilhando da visão de Bueno (2008), meio ambiente é um

[...] complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao meio físico ou biológico (solo, clima, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc), mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões que garantem a sobrevivência da natureza humana. (BUENO, 2008, p. 108)

Trigueiro (2003), por sua vez, também entende o meio ambiente como um conjunto de relações que se estabelece com o universo, o que, no entanto, não é uma ideia compartilhada pela maioria dos brasileiros, os quais veem o meio ambiente como algo externo a eles, que vem de fora e não os inclui. Além disso, meio ambiente é uma expressão que, apesar de fazer parte do vocábulo popular e diário das pessoas, nem sempre é definida com clareza, visto que “um erro bastante comum é confundir meio ambiente com fauna e flora, como se fossem sinônimos” (TRIGUEIRO, 2003, p. 13).

Até as vésperas da ECO-92, o termo meio ambiente nem sequer era dominante, em especial aqui no país, onde a consciência ambiental dos brasileiros era quase nula. De acordo com a pesquisa *A Evolução da Consciência Ambiental no Brasil nos anos 1990*, a problemática ambiental não figurava na agenda pública e o ambientalismo “[...] era incipiente, pouco conhecido como ideologia, pouco vivido como prática social, pouco pensado como atividade intelectual ou de pesquisa” (CRESPO, 2003, p. 61).

Consequentemente, o jornalismo ambiental teve (e tem) papel fundamental nos processos de formação de opinião e conscientização sobre a problemática ambiental, visto que os jornais, as rádios, a TV e, agora, a internet são as principais plataformas para obtenção de informação. Durante a pesquisa de Crespo (2003), 95% da população brasileira alegaram se informar sobre meio ambiente através da televisão. Nesse contexto, o JA apresenta-se como um processo de captação, produção, edição e circulação de informações comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado (BUENO, 2008).

O que é jornalismo ambiental, no entanto, ainda vem sendo bastante discutido pelos estudiosos da área. Muitas vezes, ele é visto como uma especialidade do jornalismo voltada à cobertura do meio ambiente; em outras é entendido como um fazer diferenciado, que vai além

do tradicional e rotineiro “fazer jornalístico” das redações, da cobertura factual, porque se baseia na diversidade de vozes e em uma visão holística (GIRARDI *et al*, 2012).

O jornalismo ambiental anseia por um conceito, que extrapole o do jornalismo científico tradicional (comprometido com uma parcela significativa da comunidade científica que tem privilegiado a continuidade das suas pesquisas, sem contextualizar as suas repercussões), que não se confunda, em nenhuma hipótese com o jornalismo econômico (impregnado pelo canto de sereia do modelo agroexportador, da revolução tecnológica a qualquer preço e da apologia das aplicações rentáveis do capital financeiro) e que não se apoie no jornalismo cultural, quase sempre tipificado pelo diálogo surdo das elites. (BUENO, s/d, documento eletrônico).

Além disso, fazer JA não é simplesmente noticiar questões ambientais que gerem pânico ou medo na população através de enfoques catastróficos, uma vez que “existe uma tendência de que a cobertura ambiental fique limitada a acidentes, como vazamentos de substâncias tóxicas, ou eventos ‘preparados’ por grupos ambientalistas ou empresas” (NELSON, 1994, p. 15). Mas sim explicar as causas e efeitos dessas questões ambientais que alarmam as populações, bem como manter a pauta em discussão constante nas mídias e, assim, ampliar os debates para ajudar a encontrar saídas/soluções para tais problemáticas.

Bueno (2008) esquematiza três funções básicas do jornalismo ambiental: informativa, pedagógica e política. A informativa supre a necessidade que os cidadãos têm de estar por dentro dos principais assuntos relacionados às questões ambientais. A função pedagógica expõe as causas e soluções para os problemas ambientais e aponta alguns caminhos para a superação desses problemas. Já a função política tem a ver com a capacidade de mobilizar os cidadãos com o intuito de que os mesmos façam frente aos interesses que condicionam o agravamento das questões ambientais. O papel do JA na sociedade não é, portanto, meramente informativo; ele tem missões mais amplas, como ajudar a melhorar a vida pública e a qualidade de vida das pessoas, democratizar o conhecimento - por meio de uma informação de qualidade e pertinente -, educar, transformar e exercer a cidadania em favor de uma vida mais sustentável.

Os objetivos desta prática são:

Despertar a consciência ambiental onde não há; buscar especialmente o porquê dos problemas ambientais, fazer compreender a realidade ao público, produzindo e sistematizando a informação e o conhecimento [...]; fazer pensar, gerar debates e discussões sobre os temas ambientais que afetam a comunidade; estimular nas pessoas a capacidade para participar e decidir sobre sua forma de vida. (GELÓS, 2008, p. 70)¹⁷.

¹⁷ Tradução livre, do espanhol para o português, realizada pela autora. Trecho original: “Despertar conciencia ambiental donde no la haya; buscar especialmente el porqué de los problemas ambientales, hacerle comprender la realidad al público, produciendo y sistematizando la información y el conocimiento [...]; hacer pensar, generar debates y discusiones sobre los temas ambientales que afectan a la comunidad; estimular en las personas la capacidad para participar y decidir sobre su forma de vida”.

O jornalismo cotidiano, no entanto, não dá conta de pôr em prática essa visão multifuncional que Bueno (2008) propõe aos enfoques ambientais, e nem atende aos amplos objetivos propostos por Gelós (2008), devido a uma série de razões. Dentre as mais citadas, que inibem ou dificultam uma prática jornalística conforme os preceitos do JA, estão: tempo para produção do conteúdo, espaço para publicação, interesses editoriais das empresas jornalísticas, interesses das fontes consultadas, grau de envolvimento e conhecimento dos repórteres, interesses das iniciativas privadas que sustentam (através da publicidade) as mídias diárias e as rotinas de produção de notícias. Então, como resultado, Dornelles (2008) aponta o meio ambiente tratado majoritariamente pelos aspectos econômicos ou tecno-científicos, o qual convoca apenas fontes especializadas para o debate, empobrecendo a cobertura.

Girardi *et al* (2012, p. 141) sustenta que o conhecimento prévio (e por que não a especialização?) reduz os riscos dos jornalistas “serem meros porta-vozes de suas fontes e reprodutores de pretensos consensos sociais”. A especialização ou o conhecimento prévio sobre meio ambiente contribuem, então, para uma maior profundidade e abrangência na abordagem do conteúdo e valorizam a cobertura dos problemas socioambientais. O jornalista ambiental, nessa proposta de Girardi *et al* (2012), age como um jornalista engajado na causa que cobre, a fim de incorporar a participação dos cidadãos nas discussões da vida social.

Apesar de o JA seguir os preceitos do Jornalismo, ele também apresenta suas peculiaridades com o intuito de reforçar “a exploração de dados, a apuração, as ligações que envolvem o fato noticiado, suas consequências e origens, incorporando, ainda, o olhar ecológico” (GIRARDI; SCHWAAB, 2008, p. 17). Contudo, no dia a dia das redações, as matérias sobre o meio ambiente “seguem as mesmas lógicas de construção de qualquer outra notícia e não os critérios estabelecidos pelo jornalismo ambiental” (MASSIERER, 2011, p. 27).

Os critérios de noticiabilidade do JA são: a incorporação de uma visão sistêmica, a ampliação do número de fontes, a profundidade do conteúdo e a abordagem qualificada das notícias de meio ambiente (MASSIERER, 2011). Para Nelson (1994), residem nesses critérios, a maior dificuldade para a elaboração de matérias sobre meio ambiente, uma vez que a temática é abrangente (discorre sobre a própria vida), interdependente (relacionada com outras áreas), complexa (não comporta explicações simplistas), técnica (exige certo conhecimento para trabalhar com os termos utilizados) e carregada de emoção (pelo efeito que causa sobre as pessoas).

4.1 Perspectiva Multidisciplinar

O jornalismo cotidiano é feito e apresentado de maneira segmentada, por meio da impressão de cadernos (editorias) com temáticas específicas. Essa atividade segue a lógica do método cartesiano, que consiste em “decompor pensamentos e problemas em suas partes componentes” (CAPRA, 1982, p. 54). O método cartesiano, de René Descartes, estabelecido entre os séculos XVI e XVII, foi responsável pela substituição da ideia de um universo orgânico, vivo e espiritual (da Idade Média) pela noção do mundo como máquina. Do ponto de vista de Capra (1982), quando a concepção mecanicista passou a perceber também os organismos vivos como máquinas, comparando os corpos dos animais e dos humanos com relógios, compostos em partes “de rodas e molas”, a atitude das pessoas com relação ao meio ambiente natural mudou drasticamente. Logo,

[...] a excessiva ênfase dada ao método cartesiano levou à fragmentação característica do nosso pensamento em geral e das nossas disciplinas acadêmicas, e levou à atitude generalizada de reducionismo na ciência – a crença em que todos os aspectos dos fenômenos complexos podem ser compreendidos se reduzidos às suas partes constituintes. (CAPRA, 1982, p. 55)

Por isso, um dos grandes desafios para o jornalismo ambiental, segundo Girardi e Schwaab (2008), é abandonar o pensamento fragmentário e incorporar uma visão holística, complexa, sistêmica e multidisciplinar a atividade jornalística. Tal como o material jornalístico vem sendo produzido atualmente só reforça uma “visão recortada de mundo” ao seguir o “modelo noticiarista”. O que se vê são pequenas matérias e notas factuais que não contribuem de maneira completa para a formação do leitor, ouvinte ou telespectador.

O termo holístico vem do grego “holos” e “refere-se a uma compreensão da realidade em função de totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas a unidades menores” (CAPRA, 1982, p. 13). Similarmente, o pensamento complexo elaborado por Morin (2008) em oposição ao pensamento simplificador (mecanicista, reducionista e disjuntivo, ainda dominante na nossa cultura), propõe uma articulação entre os vários “domínios disciplinares”, a fim de atingir um “conhecimento multidimensional”. Parte elementar da visão holística e do pensamento complexo, a concepção sistêmica da vida e do mundo, baseia-se na “consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais” (CAPRA, 1982, p. 259).

Alguns autores chamam o novo paradigma holístico e ecológico de Ecologia Profunda, onde o conceito de visão sistêmica remete à teia da vida, ou seja,

não separa o homem do ambiente [...]. Não vê o mundo como uma coleção de objetos isolados e sim como uma rede de fenômenos indissolivelmente interligados e interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os

seres vivos e encara o homem como apenas um dos filamentos da teia da vida. Reconhece que estamos todos inseridos nos processos cíclicos da natureza e que dependemos dela para viver. (CAPRA, 2003, p. 20-21)

A verdade é que as três visões se complementam porque, de modo geral, transcendem as atuais categorias disciplinares criadas pelos homens modernos, nas escolas, universidades e, inclusive, no jornalismo, para “melhorar” o aprendizado em certas áreas. Se, por um lado, a segmentação e especialização das áreas humanas e sociais possibilitou um conhecimento bem mais aprofundado, específico e particular de determinados temas da realidade; por outro, criou a ideia de que existem realidades distintas e isoladas sem interdependência entre elas. Essa visão parcelada do mundo induz a pensar, por exemplo, que existe uma realidade econômica de um lado e uma demográfica de outro; e não que “a dimensão econômica contém as outras dimensões” e que uma não pode ser compreendida na sua totalidade sem a outra (MORIN, 2008, p. 100).

O jornalismo, portanto, ao fazer apontamentos de fatos isolados em editoriais, sem inter-relacioná-los, corre o risco de cair na descrição reducionista dos acontecimentos, quando parte da informação é interpretada como se fosse a explicação completa. Isso fortalece a visão simplificada (a parte está no todo) ao invés da visão complexa (existência do todo na parte) (MORIN, 2008); induzindo o receptor da mensagem a um caminho: o de que a parte (o recorte) que é apresentada da informação já é o todo do acontecimento e, logo, a informação está suficientemente esclarecida. Mas a amplitude e a complexidade do jornalismo ambiental manifestam-se no estabelecimento das interdependências entre os campos (BACHETTA, 2000), mostrando a existência de vínculos e associações das fontes de energia renováveis, por exemplo, com os aspectos econômicos, políticos, culturais, sociais etc., do uso das mesmas. Isso significa acabar com a segmentação por editoriais e disponibilizar o espaço para grandes reportagens que deem conta de integrar os vários e dispersos fatos, explicando-os em sua totalidade.

Para a ascensão desses novos paradigmas, faz-se necessária a emergência de uma racionalidade ambiental na sociedade. Na teoria de Leff (*apud* GIRARDI *et al*, 2012, p. 145), a racionalidade ambiental “conjuga uma nova ética e novos princípios produtivos com um pensamento da complexidade que questiona as ciências para incorporar o saber ambiental emergente”. Assim, o meio ambiente passaria a ser entendido como um local onde se articulam saberes e conhecimentos, deixando de ser visto como mero recurso da sociedade capitalista predominante na nossa era. A partir da racionalidade ambiental, Girardi *et al*

(2012, p. 145) acredita que haveria “uma mudança nas redações, para que o meio ambiente passasse de exceção a tema transversal no fazer jornalístico”.

Nesse âmbito, o jornalismo ambiental busca posicionar o meio ambiente como tema transversal no fazer jornalístico, com o intuito de impulsionar a racionalidade ambiental, fazendo-nos perceber que somos parte de uma rede de relações toda conectada com outros elementos animados ou inanimados e que aquilo que sucede aos outros pode suceder a nós mesmos, caso não tenhamos consciência das nossas ações. “Se a pauta, as fontes, o foco da entrevista não estiverem respaldados em um olhar múlti e interdisciplinar, politicamente engajado, planetariamente comprometido, teremos uma reportagem que falseia os interesses da maioria [...]” (DORNELLES, 2008, p. 53). E, se falseia os interesses da maioria, não está comprometido socialmente.

4.2 Diversidade de Fontes

Jornalistas ambientais devem estar preocupados em qualificar e incrementar as pautas jornalísticas, mostrando que há problemas e desafios a serem enfrentados social e conjuntamente (BUENO, 2008). Para que isso ocorra, o JA não deve apresentar argumentações, pontos de vista e discursos sempre dos mesmos atores sociais e precisa considerar qualquer pessoa como fonte de consulta. Logo, todos os indivíduos são fontes para o jornalismo ambiental, visto que todos possuem um saber com o qual podem contribuir.

No processo de escolha das fontes do jornalismo, no entanto, permanecem aquelas ligadas ao poder instituído pela sociedade que são, muitas vezes, acessadas por telefone, internet ou assessoria de imprensa (MASSIERER, 2011). Eis o problema desse tipo de produção jornalística para o JA: uma única fonte não configura diversidade de fontes, e esse é um dos critérios qualificador da reportagem ambiental. Além disso, quanto mais o jornalista usar um só tipo de fonte, mais dependerá dela e mais a visão específica dessa fonte será enfatizada.

A diversidade de fontes, porém, para o JA não quer dizer variedade quantitativa de pessoas consultadas para a produção de um conteúdo; mas sim a pluralidade de vozes e sentidos, que significa dar oportunidade para todas as pessoas se expressarem e contribuírem com o seu conhecimento de vida sobre determinado assunto. Opostamente ao jornalismo *hard news*, que possui suas “agendas de fontes”, o jornalismo ambiental deve possibilitar a manifestação de todas as vozes, compatibilizar visões e contribuir para a relação sadia e duradoura entre homem e meio ambiente (BUENO, 2008). É claro que é importante,

conforme coloca Nelson (1994), que quem escreve sobre meio ambiente tenha “uma lista de especialistas confiáveis”, devido à abordagem de muitos conceitos técnicos inerentes ao assunto, os quais precisam ser esclarecidos ao público receptor.

Há uma gama enorme de pessoas que podem ser consultadas para pautas de jornalismo ambiental. Todavia, a grande imprensa brasileira

[...] têm dado voz apenas aos representantes dos grandes interesses, às fontes oficiais, agindo de maneira preconceituosa e desleal com entidades da sociedade civil que exercem vigília permanente para defender os consumidores, os pequenos produtores rurais, os povos da floresta, os agricultores familiares e os excluídos da terra. (BUENO, s/d, documento eletrônico)

É essencial que o saber local das comunidades que vivem no entorno das causas noticiadas seja considerado, porque essas populações detêm um tipo de conhecimento que não vem dos livros, nem dos textos, nem das academias, muito menos da experimentação científica; mas sim da “relação entre as pessoas, seu ambiente e as interações resultantes destas relações” (CAPORAL; COSTABEBER, 2000). A televisão é um dos meios de comunicação que menos dá voz às pessoas comuns em suas matérias. Conforme Bucci (2000, p. 32) “os miseráveis, os opositores, os feios, e mesmo os negros mais fiéis às próprias origens: todos são excluídos do cardápio visual oferecido ao grande público”, porque a representação da nacionalidade fica ao nível das imagens das elites.

Bachetta (2000) complementa o argumento de Bucci (2000) ao falar que, muitas vezes, os grupos indígenas não são fontes nas mídias por serem vistos como “mentalidade primitiva” pela cultura dominante atual. Pelo contrário, alega ele, tais grupos são “a manifestação de uma profunda sabedoria, reflexo de um conhecimento intensivo e detalhado ao longo de muitos anos, e que leva a necessidade de interdependência entre o Ser Humano e a Natureza” (BACHETTA, 2000, p. 48)¹⁸. Cada tribo tem a sua ciência e seu conhecimento acumulado pela experiência de vida. O JA entende a importância disso para a construção da cidadania, na busca de um desenvolvimento planetário mais sustentável e com melhores condições de vida a todos. Por isso, propõe-se a considerar a pluralidade das manifestações em suas reportagens, contemplando uma diversidade de fontes que garantam a diversidade de sentidos nos materiais.

¹⁸ Tradução livre, do espanhol para o português, feita pela autora. Trecho original: “[...] la manifestación de una profunda sabeduría, reflejo de un conocimiento intensivo y detallado a lo largo de muchos años, y que conduce a la necesidad de interdependencia entre el Ser Humano y la Naturaleza”.

4.3 Profundidade e Abrangência dos Conteúdos

Nos últimos anos, houve um aumento considerável nas reportagens sobre meio ambiente (GIRARDI; SCHWAAB, 2008); entretanto, a preocupação maior é quanto à qualidade das abordagens que, muitas vezes, tem tom alarmista, oportunista e são tratadas como *marketing verde* ou *ecopropaganda*¹⁹. O jornalismo ambiental é, antes de tudo, jornalismo e, portanto, sua finalidade primeira é o compromisso com a democratização das informações na sociedade.

A democratização da informação ambiental é assegurada pelo artigo 5º da lei federal 9.745 de 27/04/1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA)²⁰. De acordo com a lei, é função dos meios de comunicação “colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação”; bem como prevê que o poder público incentive “a difusão por intermédio dos meios de comunicação de massa, em espaços nobres, de programas e campanhas educativas e de informações acerca de temas relacionados ao meio ambiente”.

Para que a informação ambiental atue de maneira adequada seguindo os objetivos da lei é preciso que essa informação seja, primeiramente, de qualidade (a boa informação), isto é, não seja pura e simples mercadoria para vender mais produtos jornalísticos; mas sim seja uma informação concisa capaz de ensinar. E uma informação embasada, aprofundada, contextualizada e não superficial é informação de e com qualidade. Para atingir a profundidade na reportagem, Gelós (2008) aponta que, das cinco perguntas feitas pelo jornalista: o que, como, quando, onde e por que (inclui-se, também, a pergunta “quem?”, não mencionada pelo autor, mas considerada fundamental à prática jornalística), a mais importante é a pergunta “por quê?”, uma vez que busca e mostra as explicações do que ocorre.

Uma investigação criteriosa, um texto elaborado, um posicionamento crítico e uma linguagem clara são peças fundamentais para dar profundidade ao texto jornalístico. Frases longas, parágrafos desconexos, termos técnicos não explicados e longas citações cheias de

¹⁹ Termos e práticas que estão atrelados a compromissos socioambientais de outra ordem, distintos aos do jornalismo ambiental. Quando mídias e comunicadores voltam o discurso sobre o meio ambiente para ações mercadológicas ou empresariais e interesses políticos (BUENO, 2008).

²⁰ Lei da Educação Ambiental. Disponível em: <<http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/110259/lei-da-educacao-ambiental-lei-9795-99>>. Acessado em: 16 out. 2013.

linguagem formal ou explicações simplistas são alguns pontos a serem evitados pelo jornalista que visa qualidade e abrangência da mensagem produzida (NELSON, 1994).

Nelson (1994) entende, ainda, que um dos principais desafios do jornalista ambiental é traduzir os termos científicos em uma linguagem acessível ao público comum, aquele que não acompanha frequentemente notícias sobre meio ambiente e não é um *expert* no assunto. Nesse sentido, a tarefa do jornalista ambiental é fazer com que o receptor perceba sua própria responsabilidade social após ler, ouvir ou escutar notícias de cunho ambiental para ressignificá-las no seu cotidiano. Entretanto, a simplificação dos conceitos científicos, a qual facilitaria a vida do jornalista e do público, pode comprometer a essência e a qualidade da informação. Então, o grande dilema do jornalista ambiental reside no fato de ter que se aproximar do público receptor, trazendo informações básicas e também complexas, ao mesmo tempo em que utiliza uma linguagem compreensível sem ser superficial.

De acordo com Bachetta (2000), existem algumas “ferramentas de tradução” que ajudam a adaptar o linguajar científico. São elas: analogias, metáforas, comparações extraídas da vida diária da sociedade, explicações de referência (para dar o contexto do ocorrido), explicações de caráter informativo (para ajudar na compreensão do que é ou como funciona tal ocorrido), definições e descrições. Para melhorar a qualidade do texto, as explicações, os números e os dados científicos são essenciais, assim como o equilíbrio entre as opiniões de diversas fontes e os quadros ou ilustrações visuais que esquematizam a história e ajudam a correlacionar os fatos. Ao JA não interessa apenas registrar assuntos, sem prestar atenção na qualidade, na estrutura e na forma com que são abordados.

Scharf (2004), no entanto, afirma que o jornalismo ambiental brasileiro está “miope”, porque não mostra preocupação com o contexto das ocorrências, o que aconteceu antes ou depois do fato pouco importa.

Por tradição ou preconceito, boa parte da imprensa ainda trata a questão ambiental como algo superficial, espetacular, que atrai pelo que tem de belo ou destrutivo, e não por seu impacto concreto: político, econômico ou social. O valor da natureza é puramente estético, idealizado. Nada mais (SCHARF, 2004, p.51).

A superficialidade é a grande inimiga da profundidade nas matérias de JA porque algumas das técnicas e “ferramentas de tradução”, que os jornalistas tentam usar para tornar o assunto tangível aos cidadãos, deixam o texto generalista, estruturado em clichês, frases feitas, discursos redundantes e repetitivos, com demasiadas adjetivações e discursos globais já batidos.

Se no Dicionário²¹ “superficial” é algo referente à superfície, pouco profundo, desprovido de profundidade, pouco sólido, sem seriedade, leviano; no jornalismo, então, aquilo que não estiver em consonância com os padrões de um texto aprofundado pode ser considerado como superficial. As informações apresentadas nos relatos superficiais resultam, muitas vezes, da divulgação de um fato em si, mas não de uma análise jornalística mais criteriosa, problematizada e crítica. A divulgação limitada de elementos contextuais e o uso reduzido do recurso da pluralidade de vozes contribuem para uma fragilidade na construção argumentativa.

Superficialidade não deve, contudo, ser confundida com simplicidade. Segundo o Manual de Redação do Jornal *O Estado de São Paulo*²², a simplicidade é condição essencial do texto jornalístico, uma vez que se escreve para todos os tipos de públicos. Entretanto, a simplicidade não implica obrigatoriamente a repetição de frases e fórmulas desgastadas pelo uso excessivo, pobreza vocabular, o uso de modismos e lugares-comuns e a inclusão de palavras ou expressões de valor absoluto ou muito enfático, como certos adjetivos, superlativos e verbos fortes; a superficialidade sim. Além disso, o Manual enfatiza a importância de evitar as gírias, os jargões e o coloquialismo, “para não darem ao leitor a ideia de vulgaridade” e se obter um bom relato jornalístico.

Por sua vez, o Dicionário de Comunicação²³ coloca que superficialidade não pode ser confundida com clareza, visto que é possível ser profundo e claro e superficial e obscuro. Dentre os requisitos que qualificam uma boa redação, visando fugir da superficialidade, estão: clareza, concisão - emprego de palavras justas, significativas e indispensáveis para expressar uma ideia (o contrário da concisão é a redundância), simplicidade, naturalidade, exatidão (evitar palavras com sentido muito amplo), precisão e coerência no texto (palavras e frases contínuas e encadeadas, mantendo um sentido lógico), diversificação expressiva (para evitar a monotonia estilística), densidade e objetividade.

O Manual de Redação segue posicionamento similar ao de Nelson (1994) no que diz respeito ao uso de termos técnicos. Propõe que os jornalistas só recorram a eles quando se mostrarem absolutamente indispensáveis e, nesse caso, deve-se colocar o significado, porque o jornalista pode até ter familiaridade com certos termos ou situações, mas o leitor, talvez não.

²¹ Novo Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 1ª ed., 10ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975.

²² Manual de Redação e Estilo do Estado. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/manualredacao/gerais.shtml>>. Acessado em: 16 nov. 2013.

²³ Dicionário de Comunicação, de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa. São Paulo: Editora Ática, 1987.

Por isso, ser explícito, não deixar nada subentendido e abandonar a cômoda prática de apenas transcrever um fato ou as declarações de uma fonte, sem dissertar sobre, são também formas de evitar a superficialidade.

4.4 Correntes Ecosocial e Ecotecnocrática

Uma reportagem ambiental contemporânea deve trazer o discurso sobre desenvolvimento sustentável incorporado à problemática socioambiental. A partir disso, decorre a busca por respostas à problemática da relação do homem com a natureza. Essas respostas são articuladas em três correntes, apresentadas por Caporal e Costabeber (2000): a liberal, a culturalista e a ecosocialista.

As correntes ecosocial e culturalista podem ser unidas de acordo com seus pontos de convergência - oposição ao enfoque liberal e apoio as ideias de ecodesenvolvimento - e passam, assim, a serem denominadas **corrente ecosocialista**; enquanto a corrente liberal, por possuir vínculos com a tecnocracia mundial, passa a ser chamada de **corrente ecotecnocrática**.

O enfoque tecnocrático

[...] tenta, por um lado, resolver a equação entre crescimento, sociedade e meio ambiente mediante a adoção de um otimismo tecnológico e de artifícios econômicos. Por outro lado, esta perspectiva tenta solucionar a problemática socioambiental e os limites ao crescimento, mediante mecanismos de mercado, como podem ser o estabelecimento de preços a produtos e serviços da natureza, a cobrança de taxas ou impostos pela deterioração ambiental ou o artifício da internalização das externalidades. (CAPORAL; COSTABEBER, 2000, p. 19-20)

A corrente ecotecnocrática, principalmente na agricultura, é orientada pela concepção de “intensificação verde”, onde existe incentivo à incorporação de novas tecnologias com alto potencial produtivo, porém menos danosas ao meio ambiente. Os autores chamam isto de “otimismo tecnológico”, uma vez que induz a pensar que a tecnologia está agindo de maneira benéfica para aquelas populações; pensamento que, no entanto, continua sendo excludente por desconsiderar “os já amplamente conhecidos efeitos sociais, econômicos e ambientais perversos da modernização tecnológica do campo” (CAPORAL; COSTABEBER, 2000, p. 20).

O enfoque ecosocial, por sua vez, nasceu na década de setenta como uma corrente alternativa a partir do surgimento do conceito de ecodesenvolvimento, que sustenta a ideia da necessidade de uma nova racionalidade amparada pela solidariedade sincrônica, estabelecida entre as gerações presentes com respeito às gerações futuras - solidariedade diacrônica (CAPORAL; COSTABEBER, 2000). Além disso, o ecodesenvolvimento supõe o pluralismo

tecnológico, ou seja, a utilização adequada das tecnologias tradicionais e modernas, visando respeitar as condições do ecossistema.

No discurso ecossocial “está bem presente a ideia da natureza como um ente autônomo, fonte de vida não somente material, mas também espiritual” (CAPORAL; COSTABEBER, 2000, p. 21). Também faz parte da oposição ecossocialista ao enfoque liberal a crítica ao mercado, alegando que este é incapaz de responder aos desafios da pobreza e aos desafios ambientais. Mais que isso, esse enfoque propõe uma mudança no sistema econômico, com base na descentralização dos processos produtivos, para que esses sejam capazes de incorporar as identidades étnicas e os valores culturais de cada localidade; defendendo um desenvolvimento que respeite os distintos modos de vida, as diferentes culturas e que preserve a biodiversidade.

5 METODOLOGIA

A partir do método da análise de conteúdo (AC), com abordagem qualitativa e quantitativa, esse estudo pretende “inferir (deduzir de maneira lógica)” (BARDIN, 1977) conhecimentos sobre as condições de produção das grandes reportagens audiovisuais ligadas à natureza brasileira, veiculadas pelo programa jornalístico semanal Globo Repórter.

A metodologia da AC aplicada à área da comunicação surgiu nos Estados Unidos, em 1927, pelas mãos de Harold Lasswell e Paul Lazarsfeld. Anteriormente a esse período, a AC era utilizada em áreas como as ciências sociais, a sociologia alemã (de Max Weber) e a psicologia. A influência positivista marcou o rigor científico, métrico e a busca pela objetividade nas primeiras análises, que eram essencialmente de conteúdos jornalísticos. Reflexo disso é o primeiro livro escolar publicado por Bernard Berelson em que a análise de conteúdo foi definida como “uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BARDIN, 1977, p. 19). As características observadas no material deveriam ser medidas e computadas matematicamente.

Nos anos 1940-1950 a AC se tornou bastante popular em decorrência da utilização feita pelos departamentos de ciências políticas dos Estados Unidos para analisar jornais e periódicos com produtos suspeitos ou propagandas subversivas nazistas. Além do uso político, Herscovitz (2008) destaca o emprego do método na análise de temas racistas, violentos e de discriminação às mulheres no cinema e na televisão. Nas décadas seguintes, as

normas e os limites que condicionavam o funcionamento da AC foram expandidas, questionadas, diversificadas e novas respostas ao plano metodológico apareceram. A exigência da objetividade, por exemplo, tornou-se menos rígida e a análise de conteúdo não era considerada unicamente com um alcance descritivo (BARDIN, 1977).

Nesse contexto, as discussões sobre as abordagens quantitativa e qualitativa foram importantes porque abriram novos caminhos para a metodologia. Se, por um lado, a análise quantitativa trabalha com a *frequência* de determinadas características do conteúdo e obtém dados descritivos por meio de métodos estatísticos; por outro, a análise qualitativa verifica a *ausência* ou a *presença* de certos elementos nos fragmentos de mensagem selecionados, sendo mais intuitiva e maleável. Mas a problemática dessa dicotomia residia no fato de que a maioria dos que utilizavam o método na primeira metade do século XX o fazia de maneira puramente quantitativa, resistindo à ideia de que o objetivo da AC é a inferência. E essa inferência pode ocorrer tanto com base nos indicadores de frequência quanto nos indicadores de ocorrência, conferindo caráter híbrido a análise de conteúdo. Logo, tomou-se consciência de que “a partir dos resultados da análise, se pode regressar às causas ou até descer aos efeitos das características das comunicações” (BARDIN, 1977, p. 22).

Os métodos da análise de conteúdo, portanto, oscilam entre dois pólos: o desejo de manter o rigor métrico e a necessidade de descobrir nas entrelinhas das mensagens os significados subentendidos. Por isso, Bardin (1977) coloca que a AC tem duas funções: *heurística* (baseada na tentativa exploratória) e a de *administração da prova* (baseada em hipóteses que serão verificadas e confirmadas - ou não). As duas funções podem coexistir e se complementar.

Hoje, a tendência é a integração entre as duas visões (quantitativa e qualitativa), de maneira que os conteúdos visíveis e os ocultos apareçam no mesmo estudo, com o intuito de se compreender o significado aparente de um texto e também o implícito - aquele que revela o contexto onde uma mensagem ocorre, a mídia que a produz e o público ao qual é destinada. Para Herscovitz (2008, p. 126) a busca pela integração desses campos “decorre do reconhecimento de que os textos são polissêmicos – abertos a múltiplas interpretações por diferentes públicos – e não podem ser compreendidos fora de seu contexto”. Consequentemente, se usadas em conjunto, o trabalho obtém melhores resultados.

Assim, a AC, em geral, vem sendo difundida como um “método muito empírico, dependente do tipo de ‘fala’ a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo” (BARDIN, 1977, p. 31), na qual as técnicas de análise variam e se adaptam de

acordo com o material a ser analisado. Para o campo das comunicações, AC é atualmente um conjunto de técnicas de análise

[...] visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

Herscovitz (2008, p. 126) sugere, ainda, uma definição específica para a análise de conteúdo jornalístico:

[...] método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontradas na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação.

Esse estudo, portanto, utiliza-se da análise de conteúdo visando obter conhecimento sobre a produção jornalística ambiental do Globo Repórter, a partir da análise de um conjunto de reportagens audiovisuais veiculadas em formato digital e selecionadas de maneira não aleatória. Com base em indicadores classificatórios, será possível fazer deduções sobre os conteúdos aparentes e implícitos apresentados através dos textos e imagens, evidenciando, assim, um perfil de conteúdo ambiental que o programa se propõe a mostrar ao telespectador e atingindo os objetivos deste trabalho.

5.1 Para aplicar o método

A primeira etapa da AC, de acordo com a sistemática de Bardin (1977), consiste na pré-análise, ou seja, a fase de organização das ideias iniciais, em que se escolhem os documentos a serem analisados, quando se formulam as hipóteses e os objetivos do estudo e elaboram-se os indicadores que fundamentarão a interpretação final. Embora esses três constituintes da etapa estejam diretamente relacionados, não há obrigatoriedade em manter uma ordem cronológica ao executá-los.

Para efetivar qualquer pesquisa, inicialmente é necessário definir o conjunto de objetos ou documentos (o *corpus*) tidos em conta para os procedimentos de análise. A constituição do *corpus* implica escolhas e seleções, que devem seguir algumas regras; entre as principais delas Bardin (1977) destaca:

- Regra da Exaustividade: implica considerar todos os elementos do *corpus* e, se algum elemento desses ficar de fora por qualquer razão, precisa ser justificado.

- Regra da Representatividade: a amostragem é vista como rigorosa se o *corpus* for uma parte representativa do universo inicial. Um universo heterogêneo requer um *corpus* maior do que um universo homogêneo.
- Regra da Homogeneidade: os documentos selecionados para compor o *corpus* não devem apresentar demasiada singularidade, isto é, obedecem precisamente aos critérios de escolha.
- Regra da Pertinência: o *corpus* precisa ser adequado e pertinente aos objetivos da análise.

Após, é necessário fazer uma leitura flutuante do *corpus*, a fim de conhecê-lo melhor e preparar as reflexões e impressões iniciais. A leitura flutuante abre caminho para a formulação de hipóteses e objetivos, uma vez que as hipóteses surgem de suposições, isto é, afirmações provisórias originadas no nosso intuito, que estão sujeitas a verificação (confirmação ou infirmação) através dos procedimentos de análise (BARDIN, 1977). Ao pesquisador, não é obrigatório possuir um conjunto de hipóteses para realizar a análise, ele pode prosseguir sem ter ideias pré-formuladas sobre o assunto.

A próxima etapa da AC é a codificação, ou seja, a fase de tratamento do material, onde se enquadra a parte técnica do estudo dentro de um quadro teórico. Logo, é essencial definir a unidade de registro, que “corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” (BARDIN, 1977, p. 104). Tais unidades de registro “são definidas a partir do tema da pesquisa, das teorias que informam o trabalho, de estudos anteriores e dos próprios textos a serem analisados” (HERSCOVITZ, 2008, p. 133). Quem decide qual a melhor unidade de registro é o pesquisador, de acordo com os objetivos do estudo.

Definida a unidade de registro, o passo seguinte é fazer a categorização, ou seja,

[...] uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia) com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise se conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. (BARDIN, 1977, p. 117)

Como essa classificação em categorias impõe uma investigação sobre o que cada elemento tem em comum com o outro, Bardin (1977) afirma ser importante priorizar categorias que apresentam as seguintes qualidades: **exclusão mútua**, cada elemento não pode aparecer em mais de uma divisão; **homogeneidade**, a organização deve ser governada por um único princípio de classificação; **pertinência**, o sistema de categorias tem que refletir as intenções da pesquisa; **objetividade e fidelidade**, as diferentes partes de um material

submetidas à mesma categorização têm de ser codificadas de maneira idêntica, mesmo que analisadas várias vezes; e **produtividade**, o conjunto de categorias mostra resultados produtivos.

Os critérios de categorização podem ser semânticos, sintáticos, léxicos ou expressivos. “Cada aspecto a ser medido requer uma definição nominal, proveniente de dicionários, da literatura específica, de outras pesquisas, de pré-testes ou do próprio senso comum” (HERSCOVITZ, 2008, p. 132). Ao final, a categorização apresentará uma representação simplificada dos dados brutos obtidos, os quais serão analisados qualitativa e/ou quantitativamente, conforme o enfoque almejado pelo pesquisador.

A penúltima etapa do processo é a inferência, que serve como ligação entre a descrição (fase onde as características do texto foram tratadas e enumeradas) e a interpretação (momento de conceder significação às características). Segundo Bardin (1977) a inferência (ou dedução lógica) pode se apoiar em elementos básicos da comunicação: o produtor da mensagem, para impulsionar a hipótese de que a mensagem representa o emissor; o receptor, para obter informações referentes ao público receptor; e a mensagem, que releva realidades subjacentes e características sobre os emissores e receptores. Dessa forma, é possível responder às causas, isto é, ao que antecedeu uma determinada mensagem e, também, às consequências, ou seja, o que determinada mensagem vai provocar, quais são seus prováveis efeitos (BARDIN, 1977). Por fim, a interpretação elucida os resultados obtidos e realça “um sentido que se encontra em segundo plano” (BARDIN, 1977, p. 41), os quais podem servir de base para outros estudos.

5.2 *Corpus*

Para compor o *corpus* desta pesquisa, foram selecionados os programas do GR referentes à natureza brasileira veiculados entre 01 de junho de 2012 e 31 de maio de 2013 (período equivalente, mais ou menos, da época de início do projeto desta monografia até um semestre antes de escrevê-la). Foi realizada uma pesquisa exploratória na página do *Facebook* do Globo Repórter com a finalidade de descobrir todas as temáticas que foram ao ar durante esse tempo. Descobriu-se que foi veiculado um total de 49 programas, excluindo-se os meses de janeiro e fevereiro de 2013, visto que são os meses de férias e, muitas vezes, o GR repete alguns programas. Com base nas imagens e nas temáticas que referenciavam os programas no *Facebook*, eliminaram-se aquelas que tratavam sobre outros países.

Para a próxima fase de seleção, mantiveram-se aqueles programas em que as imagens e as palavras veiculadas no *Facebook* (compostas harmonicamente) fizessem alusão à natureza. Havia 14 programas. Dentre esses, seis foram excluídos porque não mencionavam explicitamente a natureza brasileira. A partir disso, foi preciso, então, verificar os vídeos que estavam disponíveis, na íntegra, no *site* do GR, através do acesso exclusivo para assinantes, ou no portal *YouTube*.

Tendo em vista que o *site*, mesmo no acesso exclusivo para assinantes, não disponibiliza todos os programas veiculados mensalmente e, além disso, após algum tempo eles retiram os programas mais antigos para colocar novos, havia três disponíveis do segundo semestre de 2012: *As flores do Brasil, Joias da Mata Atlântica e Animais Urbanos*. Uma vez que não se conseguiu fazer *download* dos programas direto do *site*, utilizou-se uma câmera filmadora para gravá-los (esses programas rodam no VLC Media Player e estão divididos em partes devido à grande extensão). No *YouTube*, encontraram-se mais dois do segundo semestre de 2012: *Brasil abaixo de Zero* e *Globo Repórter Nos Céus do Brasil – O Pampa Gaúcho*.

Do primeiro semestre de 2013, obteve-se, na íntegra, via *YouTube*, outros dois: *Monte Roraima e Expedição Tumucumaque*. O programa *100 Anos de Amazônia* não estava disponível no *site* do Globo Repórter, nem foi encontrado no *YouTube* e, por isso, não faz parte desta pesquisa. Assim, entende-se que o *corpus* selecionado está em conformidade com as quatro principais regras apontadas por Bardin (1977) na análise de conteúdo.

As sete edições que compõem o *corpus* deste estudo serão sinalizadas pelas seguintes palavras-chave ao longo do texto: *Globo Repórter nos Céus do Brasil – O Pampa Gaúcho* – 22.06.2012, (Pampa); *As Flores do Brasil* - 27.07.2012, (Flores); *Brasil Abaixo de Zero* – 24.08.2012, (0°C); *Joias da Mata Atlântica* – 21.09.2012 (Mata); *Animais Urbanos* – 23.11.2012, (Animais); *Monte Roraima* – 22.03.2013, (Monte) e *Expedição Tumucumaque* – 26.04.2013, (Tumucumaque).

As edições foram transcritas de forma literal, procurando manter os traços da língua falada. As páginas transcritas estão numeradas e servem como referência para a busca na análise. Nas transcrições, os nomes dos repórteres e apresentadores foram abreviados de acordo com a primeira e a última inicial do nome, a partir da segunda aparição no vídeo. Os nomes das fontes envolvidas, bem como os créditos a elas conferidos pelo GC (gerador de caracteres), foram mantidos na íntegra todas as vezes. As fontes que participaram, mas não foram creditadas com GC, estão simbolizadas por travessão (–). As passagens e os *offs* do repórter estão devidamente apontados nas transcrições e as falas do repórter não identificadas

referem-se ao áudio ambiente, às entrevistas ou aos contraplanos (do repórter ou do entrevistado).

Os vídeos foram convertidos para o formato mp4, devido à extensão, e para que possam ser assistidos com o tradicional programa *Windows Media Player*. Juntamente com os arquivos de Word contendo as transcrições, eles estão gravados em um DVD-R, o qual segue como anexo deste trabalho.

5.3 Análise de Conteúdo Aplicada ao *Corpus*

Após a delimitação do *corpus*, a leitura flutuante possibilitou a formulação de algumas hipóteses.

- Nota-se uma inclinação para produzir reportagens sobre a natureza ligadas ao espírito aventureiro, onde a mesma é mostrada como um lugar exótico, místico e paradisíaco a ser descoberto e desbravado pela equipe de reportagem.
- A impressão é de que os programas desse gênero vêm sendo sustentados mais pela qualidade e alta definição das imagens capturadas, do que por uma narrativa jornalística embasada, fundamentada e reflexiva.

Para a fase de tratamento do *corpus*, definiram-se os *offs* e as **passagens** do repórter como unidades de registro, uma vez que cada programa possui em torno de 45 minutos e cada transcrição, em média, 15 páginas. Para a análise, contabiliza-se um *off* ou uma passagem o conjunto de frases transcritas ininterruptamente, conforme a vocalização do repórter no vídeo. Se for apenas uma frase curta, considera-se a mesma.

- Exemplo *off* 1:

Muitas moradias foram construídas em torno do Parque e o lixo doméstico também é atrativo. Este aí vem apressado e não sabe o risco que corre comendo aí. É em bando que eles atacam a vizinhança. Os quatis adoram aventuras. Vem pelas árvores, com uma agilidade. No posto da polícia, eles aparecem todos os dias, mas pelo menos aqui os pequenos delinquentes são vistos com bom humor. (ANIMAIS, 2012, p. 7)

- Exemplo *off* 2:

Como explicar Mata Atlântica no coração do Centro-Oeste, tão longe do mar? (MATA, 2012, p. 4)

Leva-se em conta que, apesar dos ajustes prévios feitos pelos editores e dos recortes do material efetuados na etapa de edição, o texto mantém-se como a produção autoral e intelectual do repórter (ou dos repórteres) que faz a matéria e, por isso, deve ser analisado como parte base da reportagem pela capacidade de articular todas as informações necessárias

ao entendimento do telespectador. Sabe-se que o trabalho jornalístico depende das fontes; porém, nesse caso consideram-se as mesmas como uma peça de quebra-cabeça na narrativa jornalística, ou seja, que precisam ser encaixadas em certos momentos para explicar ou confirmar aquilo que o repórter fala e mostra.

Nos *offs* e nas passagens do repórter procuram-se palavras-chave que se enquadrem nas categorias definidas. As categorias listadas abaixo foram formuladas a partir da teoria sobre jornalismo ambiental e de outros aspectos da prática jornalística televisiva. Elas seguem acompanhadas de explicação e dos respectivos exemplos:

- *Multidisciplinaridade* – quando a frase faz menção a outras temáticas como: social, econômica, cultural, política e histórica. Qualificam-se e quantificam-se as mesmas.

Exemplo - Cultural:

Pra quem não está acostumado, não é fácil. Na hora do almoço, o churrasco **a moda do pampa**: é o fogo de chão. (PAMPA, 2012, p. 8)

- *Visão Ecosocial ou Ecotecnocrática* – quando a frase apresenta alguma das duas correntes ecológicas teorizadas. Quantifica-se a frequência de uma em relação à outra.

Exemplo – Visão Ecotecnocrática

As novas espécies de lírios, hibiscus, antúrios e gérberas também chegaram da Holanda. São tantos resultados de **cruzamentos criados em laboratórios**. Lançamentos deste ano no leilão de Holambra, onde os **negócios fechados** geram **renda para cerca de 10 mil famílias da região**. Ivonete, funcionária de uma grande produtora de flores, há 13 anos **sustenta dois filhos colhendo crisântemos**, antes ela cortava cana. (FLORES, 2012, p. 3)

Exemplo – Visão Ecosocial

Mais de 6 mil traca-jás voltaram para os rios nos últimos anos. A criação em cativeiro pode sim ser uma **alternativa para os ribeirinhos**. **Buscar nas populações em volta do parque o apoio para cuidar da natureza e gerar renda** é o maior objetivo de Christoph. (TUMUCUMAQUE, 2013, p. 16)

- *Profundidade e Abrangência* – quando o *off* ou a passagem contextualizam, explicam e fornecem maiores detalhes sobre a informação, o assunto ou algum termo técnico que está sendo transmitido, de maneira que seja compreensível a um público bastante heterogêneo.

Exemplo:

Essa formação é o que os geólogos chamam **tufa calcária**, muito comum aqui na Serra da Bodoquena. **A água, rica em carbonato de cálcio, vai moldando a rocha**. A gente consegue ver exatamente ali ó. De gota em gota, essa água quando desse pela cachoeira, vai formando essas pequenas esculturas, e ao longo do tempo, até as

raízes e os troncos ganham uma camada de calcário e petrificam. Por isso aqui as cachoeiras crescem. (MATA, 2012, p. 5)

- *Superficialidade* – quando o *off* ou a passagem utilizam em demasia adjetivos, frases feitas, jargões ou o senso comum; quando não trazem informações muito relevantes, são pouco elaborados, vazios, redundantes, nem explicam termos desconhecidos, muito menos, embasam o conteúdo de forma concisa.

Exemplo:

Mas ela não tem o **olho maior que a barriga**. (ANIMAIS, 2012, p. 2)

- *Performance* – observa-se a atuação do repórter durante a matéria. Categorizam-se somente aqueles trechos cuja construção narrativa mostre as ações do repórter e da sua equipe, de maneira que eles sejam, evidentemente, um dos focos do conteúdo narrado. Isso permitirá inferir sobre o caráter aventureiro, de lazer ou entretenimento ligado a produção de reportagens sobre a natureza.

Exemplo:

Depois de 5h de caminhada, nós **chegamos** ao Passo das Lágrimas, o **último trecho antes de alcançar o topo** do Roraima. São apenas 300 metros, mas que **a gente vai demorar quase 1h pra percorrer** por causa da inclinação, que é de 75 graus. É um trecho bem difícil, **a gente tem que ter muito cuidado**. (MONTE, 2013, p. 6)

- *Não Categorizada*: todos os *offs* e passagens que não se encaixarem em nenhuma das categorias listadas acima serão contemplados nesta.

Exemplo:

Mas o que as Florestas em Mato Grosso do Sul tem a ver com as Matas no litoral do Paraná? (MATA, 2012, p. 1)

- *Híbrida*: quando as categorias superficialidade e *performance* encontram-se no mesmo *off* ou na mesma passagem.

Exemplo:

Quanto mais subimos, mais vejo semelhanças entre a **Floresta Tropical de Altitude e a Mata Atlântica**. Ainda mais com esse ruído constante e abençoado. (MONTE, 2013, p. 5)

O critério de noticiabilidade do jornalismo ambiental - diversidade de fontes - é outra categoria deste estudo; porém essa categoria, exclusivamente, tem como unidade de registro o GC (gerador de caracteres) que credita as fontes no vídeo.

- *Diversidade de Fontes*: quantificam-se as fontes devidamente identificadas no GC do vídeo (as fontes representadas pelo travessão não serão contabilizadas neste estudo). Classifica-se quais são essas fontes através de três subcategorias de acordo

com o lugar de fala dos sujeitos: oficiais, *experts* e população local. Visa-se que essa categoria garanta a diversidade de sentidos nas grandes reportagens.

Exemplo 1 – Oficial

FERNANDO SILVEIRA – **Presidente** do Sindicato Rural de Herval. (PAMPA, 2012)

Exemplo 2 - *Expert*

JOSÉ SABINO – **biólogo** Uniderp/Anhanguera. (MATA, 2012)

Exemplo 3 – População local

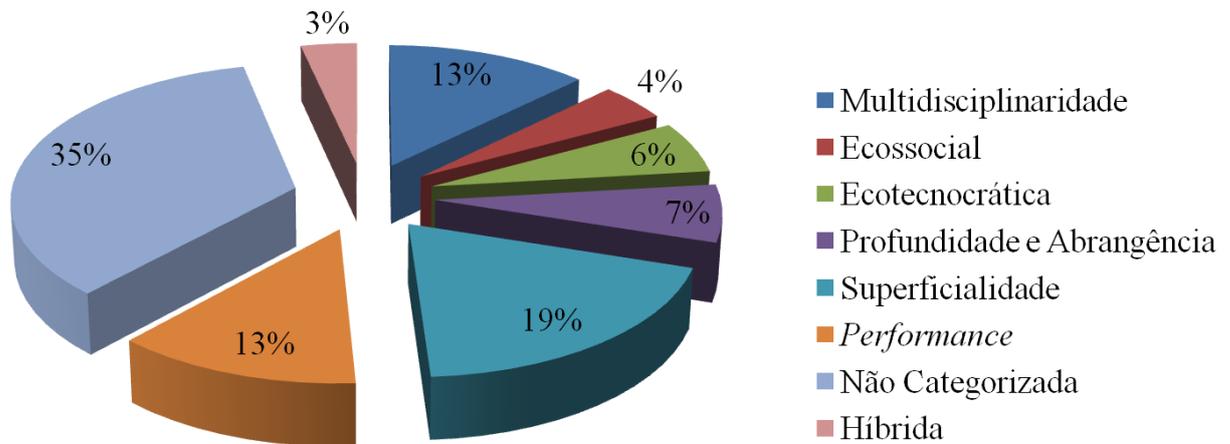
IVONETE GARCIA – **agricultora**. (FLORES, 2012)

Na análise, as unidades de registro analisadas aparecerão recuadas na página, em corpo 10, entrelinhamento simples, referenciadas de acordo com a palavra-chave correspondente a cada programa, o ano de exibição do mesmo e a página onde se localiza o trecho na transcrição.

6 ANÁLISE

Após a categorização criteriosa dos vídeos, a partir das transcrições, obtiveram-se os seguintes dados. Dos 544 *offs* e passagens analisados, 13% encaixam-se na categoria da multidisciplinaridade; 10% na de visão ecossocial e ecotecnocrática, sendo que 4% referem-se à ecossocial e 6% à ecotecnocrática; 7% encaixam-se na categoria de profundidade e abrangência; 19% na de superficialidade, 13% na categoria de *performance*, 35% dos *offs* e passagens não foram categorizados e 3% representam um híbrido entre superficialidade e *performance*.

O GRÁFICO 1 mostra a frequência das categorias nas unidades de registro.

GRÁFICO 1: Frequência das Categorias da Análise de Conteúdo no *Corpus* do Globo Repórter

Fonte: Elaborado pela autora

6.1 Multidisciplinaridade

A multidisciplinaridade encontrada nos programas está ligada mais às explicações de referência (BACHETTA, 2000), do que a apontamentos articulados entre os domínios disciplinares (MORIN, 2008). Utilizada como explicação de referência, a multidisciplinaridade ajuda a dar o contexto de determinados eventos; ajuda o telespectador, por exemplo, a identificar determinadas áreas do Brasil quando o repórter fala sobre aspectos culturais já enraizados e estereotipados no senso comum da maioria. Nos 69 trechos multidisciplinares dos sete programas, cerca de 25% abordaram a temática cultural (ver TABELA A, em anexo). Os programas PAMPA e 0°C, juntos, representam 19% desse percentual, contra 6% dos outros cinco somados. Visivelmente, fizeram uso desse recurso, conforme nota-se nos segmentos abaixo.

Pra quem não está acostumado, não é fácil. Na hora do almoço, **o churrasco a moda do pampa**: é o fogo de chão. (PAMPA, 2012, p. 9)

O **chá de macela**, ou marcela, já faz parte da **tradição gaúcha**. (PAMPA, 2012, p. 14)

Quando chega do campo, Marcelo quebra o gelo **ao redor do fogo de chão**. A **roda** é uma **velha tradição preservada** em galpões dos recantos da Serra. Quem vive nessas cidades geladas, sente o frio de um jeito que a maioria dos brasileiros se quer imagina. Vejam vocês: encontramos Dona Maria lavando a calçada. (0°C, 2012, p. 6)

Antes de sair pra lavoura, de manhã cedinho, **era costume** tomar um café da manhã bem reforçado. Com o passar do tempo, a **tradição da mesa farta** virou atração turística. (0°C, 2012, p. 9)

A temática histórica também é usada como explicação de referência, para contextualizar aspectos dos locais onde as reportagens acontecem. Nem sempre, no entanto, o repórter consegue inter-relacionar o presente e o passado para a compreensão da realidade e das possibilidades futuras. Tanto é que essa temática só foi encontrada em 8,5% dos trechos multidisciplinares analisados, sendo maior no programa MONTE.

O **patrimônio** fantástico **da nossa pré-história**. Dentro das terras dos índios *macuxis*. A Pedra Pintada já serviu de **abrigo para os primeiros habitantes** do que hoje é o Estado de Roraima. Eles **deixaram muitos sinais**. **As inscrições** que tem resistido ao sol e a chuva foram **feitas com uma mistura de rocha avermelhada triturada, água e gordura animal**. As mais antigas, dizem os arqueólogos, são de **3 mil anos**. Não bastasse a paisagem, ainda mais linda no fim da tarde, a Pedra Pintada nos deu um outro presente. Os **portugueses trouxeram cavalos** pra cá, **no período colonial**. **Ao longo dos séculos**, os **fazendeiros foram abandonando a região** e deixam pra trás os cavalos menos valiosos. (MONTE, 2013, p. 10)

Por sua vez, FLORES apropriou-se da temática social para contextualizar aspectos econômicos (ou vice-versa). Foi o que mais se aproximou da proposta de Morin (2008) de tentar mostrar que uma dimensão contém a outra, uma espécie de causa-consequência entre esses dois fatores.

Aqui nesta região, as **famílias** sempre **viveram da agricultura**, plantando milho, mandioca, tomate, feijão. **Trabalho** duro e incerto, sem as **garantias** e os **benefícios** da **carteira assinada**. Mas **quando as rosas chegaram** a esta parte do Ceará, **trouxeram prosperidade**, despertaram nas pessoas a vontade de fazer planos e sonhar. (FLORES, 2012, p. 1)

Esse trecho diz respeito a uma sociedade específica, à forma como vive um grupo de pessoas, no caso os nordestinos, numa determinada região do país, ao mesmo tempo em que remete aos aspectos econômicos daquela sociedade, a qual foi se modificando com a chegada das rosas e a substituição da agricultura pelo plantio de rosas. Percebe-se uma incitação à interdependência dos fenômenos. Contudo, ao longo do programa observa-se um reducionismo a essa interdependência, como se só existissem duas realidades (econômica e social), configurando um forte discurso ecotecnocrático, o qual se verá na sequência.

Em TUMUCUMAQUE constata-se algo similar ao que aconteceu em FLORES: relação causa-consequência para as temáticas social e econômica. Quando a repórter fala sobre a Vila Brasil, na divisa entre o território brasileiro e o francês (Guiana Francesa), é evidente a ênfase nos problemas econômicos daquele vilarejo.

Em plena segunda-feira **comércio** praticamente vazio aqui em Vila Brasil, é que a **crise econômica** lá na Europa **afeta** diretamente a **vida dos moradores desse povoado** no meio da Amazônia. Do lado de lá já é território europeu, Guiana Francesa. E se lá eles **recebem menos euros**, **gastam menos** do lado de cá. (TUMUCUMAQUE, 2013, p. 14)

Esse programa, no entanto, acaba trazendo uma visão simplificada (MORIN, 2008), uma vez que a repórter mostra a existência de vínculos e associações entre os fatos (BACHETTA, 2000) de forma parcial, porque nem sequer engloba os problemas políticos e socioambientais do local ou as influências comportamentais/culturais de cada país (por ser uma zona fronteiriça) no discurso. A ênfase é no trocadilho euro e ouro. O único trecho referente às relações diplomáticas em Vila Brasil é o que segue.

Essa tranquilidade aqui no rio Iapoque, no rio Camopi é apenas aparente. As **relações** estão estremecidas aqui nessa **fronteira** no meio da Amazônia. É que muitos brasileiros, uma estimativa do governo francês é de mais de 25 mil, **trabalham clandestinamente nos garimpos** na Guiana Francesa. Por isso, quem mora do lado de lá agora **já não tem livre acesso pra andar aqui**, no território francês. (TUMUCUMAQUE, 2013, p. 15)

Outra forma bastante utilizada para incluir a temática social é a narração da história de vida de uma pessoa ou grupo de pessoas, demonstrando a sociabilidade, as relações sociais e o tipo de vida dos envolvidos, como nos trechos abaixo.

As flores não estavam nos **planos de Marisa**, que **fez faculdade de moda** em São Paulo. Ela até **morou** durante 15 anos no **Japão**. Queria juntar dinheiro para incrementar os **negócios dos pais: uma confecção**. Mas o comércio não ia bem. Os pais de Marisa decidiram comprar um sítio em Atibaia, interior de SP. Tentaram **cultivar morangos e cogumelos**, sem sucesso. Só então, partiram para as flores. Quando **a filha de Marisa nasceu** ela decidiu que iria **criar a filha no Brasil** e trouxe uma novidade: o áster nas cores rosa e lilás. Raro, cobiçado e valorizado. (FLORES, 2012, p. 10)

Odair é **pescador. Nasceu e foi criado** neste lugar, **longe de tudo**. (MATA, 2012, p. 9)

Mais da metade dos trechos categorizados como multidisciplinares fazem referência à temática social, sendo que quase 46% advêm da edição ANIMAIS. Nessa edição e em MATA observa-se bastante a correlação entre a sociedade animal e a sociedade civil, ou seja, as relações de convivência entre os seres humanos e os animais, como eles socializam entre eles e com os outros. Algumas vezes o discurso tem enfoque no confronto de relações e interesses entre as “duas sociedades”, outras no apaziguamento.

O **verde perde** cada vez mais **espaço**, já o **homem ganha terreno**. **Constrói casas** e outros **empreendimentos**, mas deixa os **bichos** sem ter onde morar. E entre os **sem-teto** que chegam à **área urbana** estão até animais silvestres ameaçados de extinção. Eles estão se mudando para **condomínios** como este e assustam a **vizinhança**. No condomínio de luxo em Vinhedo, a segurança reforçou a ronda depois da morte misteriosa de gatos. Até que as câmeras de monitoramento denunciaram o invasor. Fazer o cerco ao lobo-guará não é fácil. (ANIMAIS, 2012, p. 6)

Marcel nasceu na ilha e **ouvindo os micos aprendeu a imitar os sons** que eles fazem. É assim que ele passa horas tentando **estabelecer algum tipo de comunicação** com os miquinhos. E lá estão eles, vão aparecendo aos poucos. Normalmente eles **andam em bandos** de 5 a 8 animais. Apesar de **viverem pertinho de áreas habitadas**, essa espécie só foi descoberta nos anos 90, quando já

estava ameaçada de extinção. A **espécie é endêmica** da região, ou seja, não é encontrada em nenhum outro lugar do planeta. (MATA, 2012, p.7-8)

Esse jeito de construir a narrativa, no entanto, trabalha as duas sociedades como unidades menores e não em função de totalidades integradas, numa concepção sistêmica da vida (CAPRA, 1982), ou de acordo com a Ecologia Profunda (CAPRA, 2003) - reconhecendo o valor intrínseco de todos os seres vivos. Parece sempre existir, especialmente em ANIMAIS, uma disputa de ambientes entre as duas unidades.

Parece que navegamos no Pantanal né? Mas não. Estamos no RJ em plena Zona Oeste, a **região** da cidade **que mais cresceu nos últimos 15 anos**. Só nos **3 bairros** que cercam aqui a Lagoa de Marapendi **vivem** cerca de **400 mil pessoas**, só que elas tem que **dividir o espaço** com uma **população enorme de jacarés**. (ANIMAIS, 2012, p. 2)

No RJ essa **convivência** foi marcada por um ato de **extrema violência**. Quatro macacos-prego morreram envenenados em julho desse ano. (ANIMAIS, 2012, p. 7)

6.2 Discursos Ecológicos

A partir da categorização das visões ecossocial e ecotecnocrática, percebe-se a sobreposição do discurso ecotecnocrático sob o ecossocial. A edição FLORES foi a mais ecotecnocrática de todas, com 42%, visto que o enfoque da narrativa fazia a relação entre crescimento, sociedade e meio ambiente através do otimismo tecnológico, mecanismos de mercado e artifícios econômicos (CAPORAL; COSTABEBER, 2000), conferindo preços a produtos e serviços da natureza.

Leidiane **não tem mais a bicicleta** que comprou há nove anos quando começou a trabalhar no cultivo de rosas. Ela **agora anda de moto**, é **supervisora** de estufa e **coordena uma equipe** de 10 pessoas. Na maior empresa de cultivo de flores de São Benedito, **80 mil rosas são colhidas por dia**. 40% da produção vão direto pra venda em supermercados de sete capitais do país. As mulheres são maioria entre os funcionários, que vem de famílias humildes, nessa região ainda de muita pobreza. Aqui **o sustento da maioria das pessoas depende de pequenas roças**. Nós conhecemos a família de Leidiane, que sempre viveu do que plantou. (FLORES, 2012, p. 1-2)

O trecho acima exemplifica como os produtos advindos da natureza estão modificando e melhorando a vida das pessoas, a partir do momento em que as rosas oportunizaram a troca da bicicleta pela moto, símbolo de desenvolvimento e progresso. Além disso, o discurso também valoriza o crescimento profissional e pessoal graças ao plantio e à venda das flores.

A **terra boa** de Holambra **atraiu agricultores** do interior paulista como Adilson, que veio da cidade de Aguaí, e também de outros Estados como a mulher dele Edna, que nasceu em Tapejara no Paraná. Eles cresceram plantando milho, algodão e café. Quando Adilson veio para Holambra, **trabalhou como encarregado num sítio e conheceu o cultivo de flores**. **Depois conseguiu comprar seu pedaço de terra** e montar uma estufa. **Hoje é presidente de uma Cooperativa** de Pequenos Produtores (FLORES, 2012, p. 4)

A grande reportagem mostra ainda o uso de tecnologias com potencial mais produtivo e a interferência do homem nos processos naturais, com o objetivo de ampliar o mercado das flores e acelerar a produção em larga escala.

O Brasil, com grande variedade de espécies, é mesmo um campo fértil para essas pesquisas e também para outro tipo de experiências com flores que despertam paixões no mundo inteiro: as orquídeas. Este **laboratório**, em Várzea Paulista, interior de São Paulo, **realiza cruzamentos, clonagens e fertilização** de orquídeas que podem ser **vendidas por 400, 500 e até 1.000 reais**. A beleza é fundamental para a sobrevivência das espécies e as cacléias são mestras nesta arte. **O preço alto** é justificado por esta rara exuberância e também pelos **investimentos no cultivo** destas flores. Nas estufas dos grandes produtores, **o homem interfere na polinização** da cacléia. Aqui é possível entender o incrível processo de reprodução de uma orquídea. (FLORES, 2012, p. 12-13)

O segundo programa que apresentou um discurso mais ecotecnocrático foi 0°C, com 21%. Entretanto, o enfoque narrativo estava no aspecto turístico proporcionado pelas regiões mais frias do país. Ou seja, o frio, que é um clima de ocorrência natural em determinadas regiões, sob o qual o homem (a princípio) não tem poder de interferência, foi abordado pelo aspecto econômico da neve, das comidas, do ecoturismo, dos alimentos plantados e produzidos graças às condições climáticas do ambiente e das cidades que crescem devido à vontade dos forasteiros sentirem e conhecerem os “encantos do frio”.

Quem para nesse ponto pra apreciar a **Serra da Mantiqueira** se surpreende com essa quantidade enorme de **quatis** aqui olha só. Super curiosos, e **uma atração a mais pros turistas** que vêm conhecer Campos do Jordão. (0°C, 2012, p. 11)

Em quatro anos **a natureza só permitiu a produção de 3333** garrafinhas de **vinho do gelo**. (0°C, 2012, p. 18)

Incrivelmente, 0°C configurou também como o segundo programa com maior frequência da corrente ecossocial, tendo a mesma porcentagem anterior de 21%. Isso permitiria dizer que existe um equilíbrio de discursos no programa, se não fosse o fato de que o discurso ecossocial é menos aparente e mais superficial, conforme se verá depois na categoria superficialidade. Durante a narrativa, a repórter utiliza-se de termos como “truque” e “segredinho” para abordar a questão do que seriam os “saberes locais”, ou para falar sobre o uso adequado e conjugado das tecnologias tradicionais com as modernas para lidar com o clima frio, importantes à visão ecossocial.

Pra quem mora nas regiões mais frias do Brasil, uma dificuldade enorme é manter os pés aquecidos. E a Dona Luci guarda aqui no forno do fogão **um segredinho** que funciona, ó, há décadas. (0°C, 2012, p. 4)

Só mesmo em cidades geladas pra ver uma cena assim. As crianças levantam da cama e vão enroladas para a escola. Nas mãos, **mais um truque** pra enganar o frio: garrafinhas pet com água quente. (0°C, 2012, p. 5)

O programa ANIMAIS apresentou o discurso mais ecossocial de todos, com 25%, só que, mais uma vez, de uma forma não tão exacerbada.

Nas gerações futuras está a esperança de preservação. (ANIMAIS, 2012, p. 6)

O trecho citado mostra uma preocupação do repórter com o ecodesenvolvimento; porém é simplório demais dentro de toda a grande reportagem, sem contar que transmite a ideia de que a responsabilidade é apenas das gerações futuras, isentando-se de falar sobre a responsabilidade das gerações presentes. Além disso, alguns segmentos conseguem incorporar um discurso sobre desenvolvimento que respeite os distintos modos de vida, as diferentes culturas e que preserve a biodiversidade (CAPORAL; COSTABEBER, 2000), como o que segue, referente à contribuição do ex-morador de rua, Roni, para ajudar nas pesquisas com as preguiças e preservar essa espécie que vive em um centro urbano. União entre ciência e conhecimento popular.

Pra **ajudar nas pesquisas**, o Paraíba **sobe nas árvores, pega os bichos** com facilidade. [...] Um exemplo de **convivência** [...] Pelo menos **este quadrado**, o da Praça, **é delas também**. Estão em casa e bem **à vista dos seus protetores**. (ANIMAIS, 2012, p. 11-12)

Outro momento relevante do discurso ecossocial dentro dos programas é quando eles abordam a natureza como um ente autônomo, fonte de vida espiritual (CAPORAL; COSTABEBER, 2000).

Tudo conspira mesmo para que tenhamos a sensação que existe uma **força mágica**. Talvez o prazer do desbravamento. Talvez as brumas que vem e vão. E se muitas rochas lembram bichos ou figuras humanas, uma é considerada a **imagem do sagrado**: a Pedra de Macunaíma, **o Deus que segundo a lenda, protege o Monte Roraima**. (MONTE, 2013, p. 11)

No trecho acima, o caráter do discurso é ecossocial a partir do momento anterior, quando o entrevistado (no caso, o guia da expedição) trata o ambiente como uma “caixa de sabedoria”, dizendo ser um local importante para a vida dele, pelo conhecimento que lhe transfere. Na sequência, também, os estudiosos de esoterismo falam sobre as lendas que cercam o Monte sagrado.

6.3 Profundidade e Abrangência *versus* Superficialidade

O gênero grande reportagem oportuniza um espaço na televisão para que os assuntos sejam aprofundados, debatidos, analisados e o telespectador possa refletir sobre eles. Observa-se a frequência da categoria profundidade e abrangência em 7% do total de programas analisados do Globo Repórter, e de maneira mais expressiva em TUMUCUMAQUE, com uma frequência de 27% e em ANIMAIS, com 24%. Os repórteres

conseguiram nos *offs* e passagens “ampliar, complementar, analisar, aprofundar e explicar assuntos” (LEÑERO; MARÍN, 1986), principalmente através de uma linguagem compreensiva para um grande público. Além disso, foram as edições que mais trouxeram os porquês respondidos (GELÓS, 2008), com tradução dos termos técnicos (NELSON, 1994).

O nome dele é *Dendrobates tinctorius*. Se reproduz na estação das chuvas. O veneno na pele desse sapo paralisa os músculos de quem o toca. Pesquisadores já isolaram nessa espécie a epibapidina, um poderoso analgésico, mas que ainda está sendo estudado para ver se cura ou envenena quem usa. (TUMUCUMAQUE, 2013, p. 7)

Nesse segmento, por exemplo, a repórter trabalha a sua própria narrativa com base no que foi dito pelo especialista, com o intuito de ser abrangente e interessante a todos. Semelhantemente, o repórter utiliza-se de uma linguagem mais clara e objetiva para explicar por que existe uma superpopulação de quatis no Parque das Mangabeiras em Belo Horizonte.

Muitas moradias foram construídas em torno do Parque e o lixo doméstico também é atrativo. Este aí vem apressado e não sabe o risco que corre comendo aí. É em bando que eles atacam a vizinhança. Os quatis adoram aventuras. Vêm pelas árvores, com uma agilidade. No posto da polícia, eles aparecem todos os dias, mas pelo menos aqui os pequenos delinquentes são vistos com bom humor. (ANIMAIS, 2012, p. 7)

O Globo Repórter precisa abranger desde a classe A, a qual já possui algum conhecimento prévio sobre determinados assuntos, até as classes C e D, que dependendo do assunto, não o tem (PONTUAL, 1994). Nesse sentido, fazem-se relevantes as narrativas que explicam termos não comumente usados, como os científicos ou de áreas de estudo específicas. Ao repórter, cabe a função de traduzi-los para um vocabulário mais acessível, como a repórter de MATA fez habilmente.

E até as pedras aqui são especiais. Em toda a região, dentro e fora do Parque Nacional, **as quedas d’água têm essas formações**, em pequenas poças. É o maior conjunto desse tipo de rocha em todo o Brasil. [...] Essa formação **é o que os geólogos chamam tufa calcária**, muito comum aqui na Serra da Bodoquena. **A água, rica em carbonato de cálcio, vai moldando a rocha**. A gente consegue ver exatamente ali ó. De gota em gota, essa água quando desce pela cachoeira, vai formando essas pequenas esculturas, e ao longo do tempo, até as raízes e os troncos ganham uma camada de calcário e petrificam. Por isso aqui as cachoeiras crescem. (MATA, 2012, p. 5)

As imagens gravadas pelos pesquisadores mostram uma das expedições de mergulho em uma caverna inundada em Bonito. Lívia Cordeiro é bióloga, especialista em **bioespelhologia, estuda a vida nas cavernas**. No laboratório, ela montou um **aquário protegido da luz para reproduzir o ambiente escuro onde vivem esses peixes**. Os **peixes das cavernas** são adaptados a essa escuridão, **não têm olhos e são albinos**. Se **alimentam dos detritos, restos de matéria orgânica**. Ajuda a **deixar a água ainda mais limpa**. Mas nem sempre os pesquisadores têm encontrado só coisas boas. Até embaixo da terra, as ameaças existem. (MATA, 2012, p. 11)

Opostamente, em PAMPA, o repórter não embasa, aprofunda ou explica assuntos e termos. Em nenhum momento do programa, por exemplo, ele diz o que é o bioma pampa; ele

se restringe a mostrar o que tem na região sul - compreendida por esse bioma. Reflexo disso é a frequência da categoria nessa edição: 0%. É evidente que em PAMPA a função de dar profundidade ao texto está exclusivamente nas mãos das fontes, como a tabela de fontes mais adiante comprova. TUMUCUMAQUE também está fortemente atrelado ao discurso das fontes; porém, nos momentos em que a repórter tem espaço, ela organiza a narrativa, retoma alguns aspectos abordados pelos especialistas e clarifica o linguajar para atingir uma “massa difusa” (DE LA RUE, 2006). Por isso, faz sentido estabelecer uma relação inversamente proporcional entre as categorias profundidade e abrangência versus *performance*. A tabela abaixo mostra a quantidade de *offs* e passagens classificados nas duas categorias.

TABELA 1: Frequência de trechos por programa nas categorias Profundidade e Abrangência e *Performance*

PROGRAMA \ CATEGORIA	0°C	ANIMAIS	FLORES	MATA	MONTE	PAMPA	TUMUCUMAQUE
PROFUNDIDADE E ABRANGÊNCIA	3	9	5	7	3	0	10
<i>PERFORMANCE</i>	10	6	0	8	14	19	12

Fonte: Elaborada pela autora.

Através da tabela é possível inferir que quanto mais enfoque a grande reportagem deu à atuação do repórter e de sua equipe no vídeo, como em MONTE, PAMPA e 0°C, menor foi a profundidade e abrangência do conteúdo. Isso demonstra que o repórter, durante as passagens e *offs*, estava mais preocupado em falar sobre o que estava acontecendo com sua equipe de reportagem do que em elaborar um texto conciso.

Os índios levam nas costas o *jabanxing*, um cesto comprido que nos dá a impressão de não ter fundo de tanta coisa que cabe lá dentro. Barracas de *camping*, panelas, mantimentos. Olha lá o tripé da nossa câmera! (MONTE, 2013, p. 2)

No trecho exemplificado, a repórter explica um termo cultural, característico dos indígenas, mas logo ela transfere o foco da narrativa para o que eles estão transportando que, no caso, são materiais da equipe de reportagem para a *performance* do grupo no Monte Roraima. Nessas situações, a opção pelo super-aproveitamento de elementos narrativos tais como sons, imagens, áudio aberto, ruídos, silêncio, entrevistas e contraplanos, fragmenta o discurso, deixando menos espaço para o repórter articular as informações e fundamentá-las no seu texto.

Outras edições como TUMUCUMAQUE, ANIMAIS e MATA apresentam certo emparelhamento entre as duas categorias. Uma justificativa para o fato pode ser o estilo da

repórter. Dos sete programas, esses três são total ou parcialmente produzidos pela repórter Cláudia Gaigher. Nota-se que, de maneira semelhante nas edições, ela enfatiza a sua própria *performance* no ambiente e cria narrativas que, ao mesmo tempo em que fornecem explicações, envolvem o telespectador e são compreensíveis à um público amplo. Percebe-se, ainda, que ela escreve *offs* e passagens mais extensas que outros repórteres, onde ela consegue sistematizar o conteúdo. Os segmentos abaixo exemplificam tal estilo.

[...] **Sabem por que chove tanto aqui?** A floresta amazônica suga a umidade que evapora do Oceano Atlântico. O calor da região norte acelera a evaporação dos rios e a transpiração das árvores. E assim formam-se as nuvens carregadas. O vento, então, empurra as nuvens e elas vão esbarrar na Cordilheira dos Andes, para depois voltar ao Brasil. São os nossos rios voadores, que espalham água não só na floresta, mas em todas as regiões do país. Parece fumaça, mas é névoa úmida. **Este é o aru, o nevoeiro da Amazônia.** Como as árvores transpiram! Só uma gigante da selva joga na atmosfera mais de mil litros d'água por dia. (TUMUCUMAQUE, 2013, p. 11-12)

Esse ano os pesquisadores já identificaram na cidade 27 ninhos de arara Canindé. **A arara sempre volta pra mesma árvore pra botar os ovos.** E dá postura, até o filhote crescer e voar, são **três meses de cuidados** intensivo. E essa **ajuda da população, cuidando** dos ninhos, é fundamental pra proteger as araras. [...] A palmeira morreu. **A caixa instalada é para o casal continuar colocando os ovos** aqui. Três filhotes, o alvoroço começa cedo. (ANIMAIS, 2012, p. 15)

[...] Parte da pesquisa de identificação dos peixes é feita assim, em mergulhos de observação. **As arraias**, parente dos tubarões, aqui são **pintadinhas**, como as onças. **E tem uma estratégia: quando a gente se aproxima, ela se balança, joga areia por cima, os grãos grudam** no couro e **ela finge** que é uma **pedra**. Esses peixes são ariscos, **têm na cauda um ferrão com uma toxina, a picada é doída e pode levar até dois anos para cicatrizar.** Melhor deixá-los quietos. [...] (MATA, 2012, p. 4)

Uma segunda razão pode estar atrelada ao estilo de produção da grande reportagem, mais *hard news* em ANIMAIS e FLORES do que nas demais edições. Essas duas possuem a menor quantidade de trechos na categoria *performance* (sendo o valor em FLORES nulo), ou seja, foram produzidas com uma linguagem mais clara, concisa, objetiva e direta (MOTTA, 2003), conforme visualiza-se no trecho abaixo.

[...] Os beija-flores podem ser observados de diversos pontos da cidade, de todas as cores, em voos que mais parecem um bailado. **Suas coreografias exigem fôlego e muito néctar. Este pássaro visita 2 mil flores por dia e delas extrai uma quantidade de néctar maior que seu próprio peso. Ele precisa produzir glicose rapidamente para uma demanda enorme de energia. As asas batem até 80 vezes por segundo. Quando está parado são 400 batidas cardíacas por minuto. Quando nos voos, o coração acelera ainda mais e chega a 1.200 batimentos por minuto.** Os beija-flores encantaram o mais famoso filho de Santa Teresa, o cientista e naturalista Augusto Ruschi, patrono da Ecologia no Brasil. [...] (FLORES, 2012, p. 5-6)

Opostamente a categoria profundidade e abrangência encontra-se a superficialidade, que representou 19% do total de trechos analisados em todos os programas. Foi a segunda categoria mais alta, somente atrás dos não categorizados. Corresponde a dizer que quase três vezes mais conteúdos são superficiais ao invés de aprofundados.

Um dos motivos para esse alto índice da categoria está vinculado ao fato de a superficialidade fazer-se aparente de várias formas. Redundância, demasiada adjetivação, muito uso de senso comum, falta de explicação - tanto de termos quanto de situações -, texto não articulado, discurso simplista e frases soltas, desconexas ou confusas para o entendimento do telespectador foram aspectos analisados dentro dos trechos considerados superficiais. O *off* abaixo traz um discurso simplista e confuso, porque não aprofunda a explicação sobre o fenômeno sincelo, apenas o adjetiva e depois, ao fim do *off*, o repórter praticamente toma sincelo como sinônimo de geada.

Depois, corri da raia. Mas valeu cada arrepio, cada calafrio para ver de perto o **sincelo**. Um prêmio sim, pois é o **fenômeno mais raro** do nosso inverno e que só acontece aqui no Morro das Torres, um paraíso climático que mistura frio, vento e umidade e **transforma arbustos rústicos em delicados buques de noiva**. Se ver sincelo depende de sorte, as vezes, muita sorte, ela é o cartão de visitas do inverno. Só em São Joaquim, **a geada pincela de branco** a paisagem pelo menos 80 vezes por ano. Para acompanhar este *show*, é preciso acordar cedo. Foi o que fez a repórter Kíria Meurer lá em São Paulo. (0°C, 2012, p. 1)

Outro exemplo de discurso desconexo é o da repórter que está falando sobre a recuperação de animais machucados, alguns devido a maus tratos de humanos, e finaliza o bloco com uma frase nada relevante para o contexto da discussão.

A coruja reaprende a caçar. O carcará também está sendo treinado para voltar à natureza. Tudo é novo, até a arte de voar. Se tudo der certo, eles voltarão aos céus de SP, ao topo dos edifícios e, quem sabe, **vão fazer companhia ao moleque**. **Moleque é o** nome desse **gavião aí, fiel ao Corinthians**. Aparece no centro de treinamento todos os dias e **ganha comidinha na boca**. **Ganha cafuné** do roupeiro Carlos. Cássio já está até acostumado, **afinal pra um goleiro, melhor gavião do que frango né?** (ANIMAIS, 2012, p. 5)

De maneira geral percebe-se muita citação sobre os locais e rasa explanação.

Resistentes como devem ser as espécies desta **floresta selvagem**, com **ecossistemas únicos** e uma **biodiversidade pouco conhecida**. (TUMUCUMAQUE, 2013, p. 11)

É recorrente também a narrativa apoiada no senso comum, como mostra o trecho abaixo de PAMPA. O uso em demasia do senso comum foi um dos motivos porque esse programa configurou com porcentagem nula na categoria profundidade e abrangência.

Mas é claro que quando a gente fala do Pampa Gaúcho, **a paisagem que todo mundo imagina** é essa aqui: um **campo que parece não ter fim**; pequenas elevações, que eles chamam de **coxilhas** aqui no Rio Grande. E quem chegou agora para nos acompanhar nessa expedição científica e jornalística pelo Pampa é o Sérgio Chapelin. Sérgio, você que conhece **criação** e gosta de **fazenda**, é um lindo campo não é? (PAMPA, 2012, p. 5)

A redundância foi outro problema visualizado, como nesse trecho, quando a repórter repete de maneiras distintas a mesma coisa: o rio é transparente e ele molda os paredões.

Uma imagem rara. Os paredões do cânion vistos tão de perto. Murallas naturais emolduram **o rio azul tão transparente, dá pra ver o fundo** com pedras redondas.

Seixos moldados pela correnteza. Nem parece água. A sensação é de **navegar no ar**. Rochas brancas lembram icebergs, blocos de gelo boiando no **rio cristalino**. **E a água desenha nas pedras**. Nervuras, pontas afiadas. Até o tronco submerso fica coberto pela camada de calcário. Em alguns anos estará totalmente petrificado. (MATA, 2012, p.2)

Na construção da grande reportagem, alguns repórteres utilizam adjetivos demais para falar sobre características de lugares ou pessoas, a exemplo dos que seguem.

Em Belo Horizonte, são os quatis do Parque das Mangabeiras, **ousados, destemidos e loucos por comida de gente**. (ANIMAIS, 2012, p. 7)

E o repórter em 0°C também, para falar sobre a natureza nas regiões frias.

Prenda o fôlego, o que **a natureza esculpiu** nas alturas em Santa Catarina é de **encher os olhos**. Os campos da Serra até parecem **obra de um jardineiro caprichoso**. Se estendem até onde a vista alcança e terminam em penhascos vertiginosos. Aqui **a neblina dança** nos paredões dos Cânions. E o véu espesso do nevoeiro ora esconde, ora revela a **paisagem majestosa**, que no inverno cobra o preço de ser admirada. (0°C, 2012, p. 12)

Em um trecho mais para frente do mesmo programa, o enólogo fala que o mofo em cima da uva ajuda na doçura da fruta; contudo, o repórter nem questiona que fungo é ou como ele se forma e por que ele é responsável pela doçura da fruta.

Mas o clima que castiga também ajuda a produzir uvas com características especiais. Graças as baixas temperaturas, **um tipo de fungo**, que poderia ser uma praga, aqui é uma benção. [...] **Tá com mofo**. Mas esse mofo, segundo o Jefferson, na verdade até ajuda na **doçura da fruta**. (0°C, 2012, p. 18)

Dentro da categoria superficialidade, ANIMAIS e 0°C, juntas, apresentam o maior índice: 41%, sendo ANIMAIS mais superficial do que 0°C. Porém, em comparação com a categoria profundidade, percebe-se que em ANIMAIS existe um equilíbrio na narrativa: 24% do programa configura como aprofundado e 22% como superficial; enquanto que em 0°C a superficialidade vence notavelmente: 19% para essa categoria contra 8% para aquela. Provavelmente, em ANIMAIS, a resposta esteja ligada ao estilo de produção do programa, mais *hard news* (MOTTA, 2003) e, também, ao discurso dos repórteres, visto que foi produzido por seis diferentes jornalistas. Alguns compensaram o conteúdo da narrativa e outros o descompensaram; não criando, portanto, uma unidade discursiva para o programa.

Ao longo de todo o programa 0°C, de maneira geral, pode-se observar a superficialidade dos tópicos abordados. Os dois repórteres que produzem a matéria estão muito interessados em dizer o quanto é frio no sul do Brasil e mudam rapidamente de um assunto para o outro dentro da narrativa, como se estivessem dando “pinceladas” sobre o tema, o que enche a grande reportagem de histórias e personagens, mas ao mesmo tempo não explora e define o conteúdo. Sem contar que a narrativa se passa em vários lugares e os

repórteres mesclam isso na edição. O mesmo repórter uma hora está no Rio Grande do Sul, mas de repente aparece em Santa Catarina e depois, na cena subsequente, já voltou ao Rio Grande do Sul etc, o que pode gerar no telespectador uma sensação de estar perdido na narrativa.

6.4 Relação Cíclica: *Performance*, Superficialidade, Valorização da Imagem e Natureza

Foi possível perceber, ainda, a correlação entre um discurso superficial e a valorização das imagens. Quando os repórteres prendem demais a narrativa à imagem, utilizando exclamações do tipo “veja isso”, “olha só”, “veja aqui” etc. – para chamar a atenção do telespectador, observa-se uma diminuição na qualidade do embasamento dos discursos.

Os quatis já estão tão acostumados com as pessoas e a serem alimentados por elas que **olha só**, se fizer aqui um barulho, como se fosse um saco de alimento, **olha eles já são atraídos** e chegam bem pertinho. **Olha esse aqui ó**, tá um pouco desconfiado, mas vai chegando. **Olha aqui, lá vem o outro**. (ANIMAIS, 2012, p.7)

Esse aqui é um dos moradores ilustres do Monte Roraima. É um sapinho tão primitivo que ele **nem pula, olha só, ele anda, como ele tá fazendo agora no meu braço**. Ele é **todo pretinho e a barriga**, deixa eu ver se **consigo mostrar pra vocês, é amarelinha ó**. É pra proteção, não é isso Luis? (MONTE, 2013, p. 7)

Da mesma forma que, quando o foco do repórter é narrar sua própria *performance* em um determinado local, ele tende a superficialidade e a valorização das imagens, uma vez que se preocupa em mostrar mais o que acontece ao longo da trajetória do que explicar. Por isso, com base na categoria híbrida (superficialidade + *performance*) e na tabela abaixo, que expõe o número de trechos encaixados, isoladamente, em cada uma das duas categorias, pode-se estabelecer uma relação cíclica-proporcional entre quatro fatores: superficialidade, *performance*, valorização da imagem e natureza tratada como lugar intocado, distante, a ser descoberto e desbravado.

TABELA 2: Frequência de trechos por programa nas categorias Superficialidade e *Performance*

PROGRAMA \ CATEGORIA	0ºC	ANIMAIS	FLORES	MATA	MONTE	PAMPA	TUMUCUMAQUE
SUPERFICIALIDADE	20	23	4	18	14	12	13
PERFORMANCE	10	6	0	8	14	19	12

Fonte: Elaborada pela autora.

Os programas MATA, MONTE, PAMPA e TUMUCUMAQUE não configuram um estilo de produção *hard news* (apesar de não serem propriamente notícias). Assemelham-se as *soft news*, preocupadas em “contar histórias” mais do que descrever ocorrências, quando os

valores-notícia tradicionais estão arrefecidos/inexistentes e cuja narrativa dista da objetividade (MOTTA, 2003); ou, ainda, ao estilo “aventura”, cuja narrativa utiliza vocabulário próprio das práticas aventureiras, expedicionárias e esportivas. Por isso que, se agrupados pelo estilo, representam 77% da categoria *performance* dos sete programas, bem como, se somados, são 55% mais superficiais que os demais. Além do mais, de acordo com a TABELA A (em anexo) a categoria híbrida esteve, majoritariamente, presente nos quatro programas, sendo que dos 3% respectivos a essa categoria, 95% advieram destas quatro edições.

Os segmentos abaixo exemplificam, portanto, a ligação entre superficialidade, *performance* e natureza como um lugar inédito, a ser desbravado, encontrada nas edições MATA, PAMPA, MONTE e TUMUCUMAQUE.

Os primeiros raios de sol anunciam mais um dia de muito trabalho na **Amazônia secreta**. Temos de aproveitar a pausa da chuva. O Parque do Tumucumaque lembra uma estufa de tão quente e úmido. **Não foi fácil de descobrir o jeito de me equilibrar na rede, mas consegui dormir**. E faz frio a noite na floresta. A chuva e umidade esgotam rápido nossa energia. **Acordamos renovados. Cheios de expectativa. Temos tanto a descobrir!** Bom dia! O diretor do parque sai antes de todos pra **reconhecer o terreno**. Christoph, que é engenheiro florestal, monta o primeiro mapa do **lugar onde nunca ninguém pisou antes da nossa expedição**. **Oportunidade rara** e emocionante. **Parece caça ao tesouro perdido**. (TUMUCUMAQUE, 2013, p. 6)

A estrada é longa, nós estamos **a poucas horas do nosso destino. Um lugar desafiador, instigante, misterioso**. Aqui até parece que o tempo parou. Essas rochas guardam 2 bilhões de anos de história. São tantas rochas, **tantas crateras que até parece a lua**. O visitante fica tão inebriado que é fácil dar asas a imaginação. Frente a frente, uma galinha e um gorila chupando um picolé. E essa rocha, não parece um dinossauro? **A nossa equipe recebeu reforços pra desbravar esse lugar**. Além do Leo, que há nove anos lidera grupos que sobem o monte, o biólogo Luís Fábio Silveira e Joaci Luz, agrônomo e especialista em orquídeas. **Deixamos o carro de lado no vilarejo** de Paratetui de Roraima, **temos que ir a pé** do alojamento dos índios *taurepangs* até o monte. (MONTE, 2013, p.2)

No verde da Serra, o azul serpenteia em um caminho sinuoso. É o rio salobra, a força da água abriu a passagem. Foram milhares de anos para escavar a rocha e formar esse cânion. **Um paraíso de águas cristalinas** e muitas, muitas cachoeiras. É esse **território mágico e desconhecido que queremos desvendar. Vamos nos aventurar numa travessia que só foi feita duas vezes até hoje. Gigante**, a Serra da Bodoquena é uma barreira natural. **A única reserva** contínua de Mata Atlântica de Mato Grosso do Sul. **Pedimos apoio** ao Instituto Chico Mendes e ao Exército pra **montar essa expedição. Estradas de terras com morros, difíceis de passar**. Moradores ilustres estranham o **comboio**. O casal de araras vermelhas reforça o ninho. É tempo de romance. O buraco no tronco é disputado. Chega mais um casal. Dessa vez são araras azuis, ameaçadas de extinção em todo o Brasil, mas aqui elas estão protegidas. Nem se importam com a **nossa presença**. Os casais se encaram, gritam, no fim as vermelhas briguentas vencem e garantem endereço na árvore seca. (MATA, 2012, p. 1)

Muito além dos campos do sul, **vamos revelar agora um tesouro do pampa**. [...] **O Globo Repórter** nos céus do Brasil **decola para sobrevoar** essa região **de uma maneira como você nunca viu**. (PAMPA, 2012, p. 13)

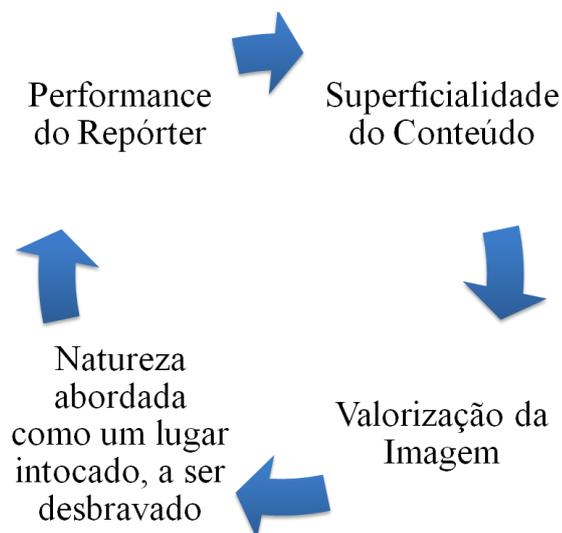
Em outros trechos, é possível visualizar a valorização da imagem, através do uso da imagem como um “*super* suporte” ou “válvula de escape” para a narrativa não fundamentada do repórter, quando ele está atuando em um ambiente nunca antes mostrado.

O voo é sensacional. **Veja as imagens** do nosso cinegrafista Lúcio Rodrigues. Flutuamos sobre a paisagem quase plana dos campos. Do alto, vimos os animais da fazenda. O vento nos levou longe. O pouso promete. (PAMPA, 2012, p. 9)

A flor pequenina é **uma saprófita**, parece um cogumelo misturado com orquídea. O pesquisador costuma dizer: **Pense numa árvore com o tamanho da baleia azul**. Pois é, na Amazônia tem muitas que sequer foram estudadas e identificadas. Em toda a região norte do Brasil foram descritas quase 15 mil plantas. Ainda é muito pouco pra esta **imensidão verde**. **Se embrenhar no mato é uma descoberta atrás da outra**. Nesta **nossa expedição** as novidades atiçam a curiosidade de todos nós. **Olha ali na câmera dele**, que lindo! Nossa! Ele é todo colorido **olha**. Patinhas vermelhas, tem laranja, e ele nem se espanta! Amigos? Aqui somos todos. Nós e eles no **despertar do primeiro encontro**. Esse é um gafanhoto, o *Monachilidum lunum*. Nome chique como a aparência espalhafatosa dele. (TUMUCUMAQUE, 2013, p. 3)

A figura seguinte esquematiza visualmente a relação cíclica entre os quatro fatores.

FIGURA 1: Relação entre Superficialidade, *Performance*, Valorização da Imagem e Natureza como lugar intocado, a ser explorado



Fonte: Elaborada pela autora.

Quanto mais o repórter der enfoque na narrativa para a sua própria *performance*, mais ele vai ser superficial porque os *offs* e as passagens servirão para falar sobre a trajetória que acontece enquanto a gravação ocorre, e não para analisar, contextualizar ou aprofundar o conteúdo. Além disso, nesse tipo de programa os elementos narrativos são usados com maior intensidade, diminuindo o tempo dos *offs* e das passagens. Todo programa televisivo, claramente, se sustenta na imagem e no som, sua principal razão de ser. Esses mencionados acima, porém, eles *hiper* priorizam a imagem em função do texto. O repórter praticamente

não vocaliza um texto conciso, mas fala de maneira bem popularesca (uma espécie de “aquilo que lhe vem à cabeça”), o que para a tevê não é de fato ruim, pois ela visa homogeneizar a heterogeneidade do público e, para isso, a linguagem coloquial é a melhor saída.

Por outro lado, esse jeito mais “livre” de construir a reportagem confronta-se com as ideias do jornalismo ambiental, de um texto contextualizado, aprofundado, explicativo, com inter-relações entre as dimensões disciplinares e o intuito de gerar o debate público e a reflexão nas sociedades, que demandaria melhor preparação do repórter antes de sair para gravar. Só que quanto menos isso é feito por parte do repórter e quanto mais as três características (superficialidade, *performance* e valorização da imagem) forem encontradas dentro de um programa sobre natureza, considera-se maior a probabilidade de que essa natureza esteja sendo tratada como um lugar distante dos seres humanos, um ambiente intocado, mágico, surreal e inexplorado.

Os percentuais obtidos com base nos quatro fatores, por sua vez, estão - majoritariamente - de acordo com o que Pontual (1994) escreveu sobre a “linha aventura” do Globo Repórter e quanto isso proporciona boas imagens capazes de atrair o telespectador e mantê-lo interessado no programa. Mais que isso, a categoria *performance* confirma a figura do repórter como “repórter herói” (ROLDÃO *et al*, 2007), “centro da narrativa”. Nesse contexto, a natureza vem sendo trabalhada como jornalismo de INFOtenimento (DEJAVITE, 2008). Informação porque fala sobre pesquisas e descobertas, principalmente, do reino animal e vegetal; e entretenimento porque ganha contornos de aventuras e viagens surpreendentes, fascinantes e inéditas a lugares ainda não habitualmente alcançados pelo homem, onde o repórter age como uma espécie de guia e o telespectador é o turista.

Entende-se, assim, que o problema final disso é a natureza sendo condicionada a lugar relevante simplesmente pelo fato de fornecer dois substratos: a) científico ou b) de lazer/aventura, e usada como fonte imagética, narrada sob o rótulo do espetacular e extraordinário. Com intuito de atrair a curiosidade do público, chamar a atenção dele frente a alguma descoberta ou diante de algo exclusivo (COSTA, 2011), o Globo Repórter compromete uma abordagem mais aprofundada sobre a questão “natureza” e a transforma em um ambiente aparte/distante das nossas vidas. Se tal abordagem não se mostra suficiente para ajudar no desenvolvimento crítico das pessoas sobre a realidade que as cerca (e não se mostra, porque a natureza é algo próximo das nossas vidas, está por todos os lados), a fim de gerar um estímulo nas pessoas para o “agir” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004), então, considera-se que isso compromete - inclusive - a questão do compromisso e da responsabilidade social do jornalismo e dos jornalistas.

Entretanto, a relação apresentada na figura não pode ser regra para todos os programas. Em 0°C, apesar de haver maior quantidade de trechos categorizados como *performance* e superficialidade do que em MATA, a atuação do repórter é mais discreta. O apelo massivo à imagem ou um discurso que tratasse a natureza como algo distante dos seres humanos não estava em evidência; na verdade, a linguagem em si é que foi paupérrima e a abordagem dos repórteres na hora da produção, igualmente. Isso está conectado em parte com a maneira como essa edição apropriou-se das fontes. Como veremos na categoria diversidade de fontes, 0°C abriu espaço para dezenas de pessoas da “população local” dizerem o que achavam/pensavam sobre o frio e, no entanto, os repórteres não conseguiram equilibrar as opiniões com as suas inserções.

Com base nas categorias decorridas até aqui, nota-se, portanto, uma aproximação com as ideias de Traquina (1993), porque os jornalistas dos programas estão atuando (até literalmente demais) como participantes ativos no processo de construção de uma realidade e, além disso, a subjetividade se fez presente na forma como os autores investiram suas emoções, afetividade, interjeições etc. (*performance*) em relação às situações na produção das grandes reportagens, conforme Franciscato (2005).

O alto percentual de *offs* e passagens não categorizados, 35%, não alterou em nada o resultado das categorias anteriores. As maiores frequências estão em 0°C, ANIMAIS e TUMUCUMAQUE, uma vez que esses três programas possuíam mais trechos de *offs* e passagens para serem analisados do que os demais, um valor correspondente a 56% do número total de trechos. Grande parcela dos *offs* e passagens classificados nessa categoria provêm de narrativas para ambientação do telespectador, conforme os seguintes exemplos.

Eu estou a 2.460 metros de altitude na parte mais alta da mais alta rodovia federal do país. Sim, isso aqui é uma BR, a **BR-485**. São 17 quilômetros e meio de buracos e pedras. **Assim é o acesso a parte alta do Parque** Nacional do Itatiaia, na Serra da Mantiqueira, uma das regiões mais frias do país. (0°C, 2012, p. 15)

No Rio, macacos prego invadem casas e edifícios vizinhos aqui do Parque Lage. No coração do **bairro Jardim Botânico**. (ANIMAIS, 2012, p. 7)

Carlos e Lúcia moravam com os filhos em Nova Friburgo, num sobrado que tinham acabado de construir. (FLORES, 2012, p. 11)

A casa fica afastada da praia e protegida do vento pela mata. Hospitaleira, a família nos recebe na porta. (MATA, 2012, p. 9)

Aqui em cima existem 9 hotéis. Hotel é modo de dizer né, na verdade, são abrigos, refúgios em cavernas que nos protegem do vento e da chuva. Esse aqui é o Quati, um dos maiores, cabem até 20 barracas e um dos mais bonitos também, tem até jardim interno. (MONTE, 2013, p. 7)

É aqui na **região da fronteira entre o Brasil e o Uruguai** que se concentra o maior combate aos javalis selvagem do pampa. (PAMPA, 2012, p. 5)

Depois de seis dias, com muita chuva, floresta escura. Esse solzinho é a melhor coisa do mundo. (TUMUCUMAQUE, 2013, p. 12)

Outro recurso bastante utilizado é o *off* “de introdução” de uma história, um personagem, estudo científico ou especialista.

Na fazenda dos irmãos Marcos e Vitor, há uma batalha diária. (PAMPA, 2012, p. 6)

O Tumucumaque ainda é o grande vazio de conhecimento. Nunca ninguém fez um levantamento para saber quais espécies vivem aqui onde estamos. Ali ele! Olha que coisa mais linda! É ele, o sapo famoso do Tumucumaque. Lindo, poderoso e perigoso. **O pesquisador explica por que**. (TUMUCUMAQUE, 2013, p. 7)

Leo ouve sempre as histórias do espanhol Santiago Ramos. Atraído pelas lendas, veio para a Venezuela há 50 anos atrás. Está convencido de que nessa região existe um mundo subterrâneo. (MONTE, 2013, p. 11)

A história da família de Carlos também é de luta e superação após uma tragédia. As feridas nestas montanhas ainda não se fecharam. Foram abertas pelo temporal de 2011, quando muita terra desabou na Serra Fluminense. (FLORES, 2012, p.10)

Ronaldo mora aqui e pesquisa o clima dessa região. Ele diz que, em muitos lugares, o frio ainda faz sofrer. (0°C, 2012, p. 5)

Há também os *offs* “de intermediação” (na troca de um assunto, personagem ou história para o outro).

Seu Raimundo é **outro** apaixonado. (0°C, 2012, p. 3)

Tomara que o filhote tenha sorte, tenha tempo de crescer, mesmo na cidade. **SP também tem seus predadores**. Imagina o que é dar de cara com uma cobra. Bom, essa é pequenininha. Mas que tal essa outra? 5m, 80 kg, achada numa sala de aula da maior cidade do país. Como nem é brasileira, provavelmente foi trazida pelo homem e escapou do cativeiro. Quinhentos bichos estão internados no parque do Ibirapuera. Ouriço-cacheiro, gambá de orelha preta. (ANIMAIS, 2012, p. 4)

Do Morro da Igreja para o Rio de Janeiro. É isso mesmo, o Brasil tropical também usa cachecol. (0°C, 2012, p. 15)

Essa outra insetívora se esconde sob a pedra. Delicada e forte, mais um dos contrastes do Monte Roraima. (MONTE, 2013, p. 8)

E existem, ainda, os *offs* “de finalização” de um assunto, bloco ou da própria grande reportagem.

Junto a cinco anos, o casal teve duas filhas: Stefani...[...] e Dáfani. Agora esperam o primeiro menino: Natan, já no sétimo mês de gravidez. Quando os Rodrigues precisam de algo na vila, é este o meio de transporte. Na bicicleta, quase 40 kg de mantimentos. Queixas? Só a de ter que se mudar dali tão logo as meninas atinjam a idade de ir pra escola. (MATA, 2012, p. 10)

Os cachorros feridos tiveram que ser atendidos em campo e logo se recuperaram. (PAMPA, 2012, p. 6)

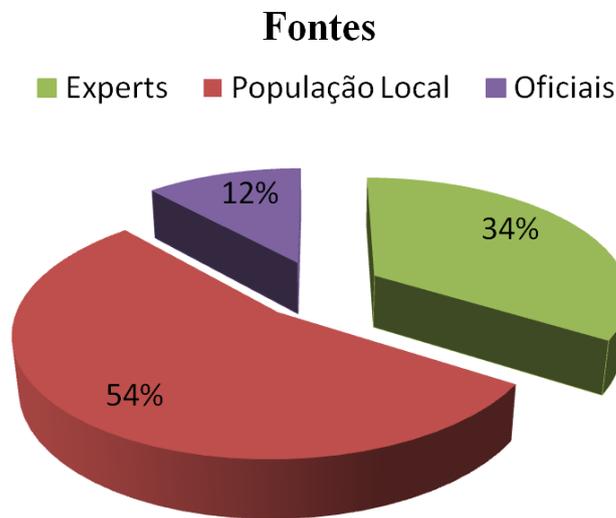
E acertamos em cheio. Tumucumaque não é um sonho. É uma missão pra lá de possível. (TUMUCUMAQUE, 2013, p. 16)

Os trechos exemplificados acima, primeiramente, foram analisados sob o ponto de vista das outras categorias. Não tendo correspondido a nenhuma delas, foram encaixados nesta e, logo, não influenciaram os resultados desta pesquisa.

6.5 Fontes: Oficiais, *Experts* e População Local

Por fim, com relação à categoria diversidade de fontes, o Globo Repórter utilizou e creditou 162 fontes ao longo dos sete programas. Dessas, 19 eram oficiais, 55 *experts* e 88 configuraram população local, conforme mostra o gráfico abaixo da frequência das fontes.

GRÁFICO 2: Diversidade de Fontes no *corpus* do Globo Repórter de acordo com a classificação das fontes



Fonte: Elaborado pela autora.

A tabela abaixo demonstra a quantidade de fontes por programa de acordo com o tipo de fontes.

TABELA 3: Frequência de fontes por programa de acordo com a classificação das fontes

Programa	Experts	Oficiais	População Local	Total
0°C	8	2	37	47
ANIMAIS	8	6	20	34
FLORES	7	1	15	23
MATA	7	2	5	14
MONTE	10	0	1	11
PAMPA	10	7	5	22
TUMUCUMAQUE	5	1	5	11

Fonte: Elaborada pela autora.

Pelas percentagens no gráfico, poder-se-ia rapidamente dizer que o Globo Repórter possibilita a manifestação de todas as vozes, como propõe Bueno (2008), visto que no gráfico 54% das fontes presentes advêm da população local. Entretanto, essa percentagem não pode ser tomada como absoluta quando a TABELA 4 mostra uma desproporcionalidade entre o número e tipo de fontes por programa. Observa-se que 0°C e ANIMAIS creditaram mais pessoas do que os demais e, assim, elevaram a frequência da subcategoria “população local”. As duas edições juntas representaram quase 65% da frequência de aparições da população local como fonte das grandes reportagens; enquanto as outras cinco edições somadas representaram os 35% restantes. Fazendo-se a média da população local consultada em FLORES, MATA, MONTE, PAMPA e TUMUCUMAQUE, vê-se que em torno de seis pessoas provenientes dessa subcategoria teriam sido consultadas em cada um deles, contra aproximadamente o quádruplo em cada um dos outros dois.

Uma das justificativas para esse ocorrido é que o programa 0°C conferiu à temática frio um enfoque bastante turístico, conversando com muitas pessoas que moram, trabalham ou passeiam nas cidades mais frias do país. Semelhantemente, no programa ANIMAIS a proposta era contar histórias de pessoas que conviviam, eram donos ou cuidavam de animais nos centros urbanos, o que também aumentou o número da “população local”. A realidade é que os 54% trazidos no gráfico representam sim uma diversidade de vozes; mas não uma pluralidade de vozes. A pluralidade de vozes significa considerar o saber local das comunidades que vivem no entorno das causas noticiadas e não simplesmente perguntar a essas comunidades se tal coisa é boa ou ruim, se eles gostam disso ou daquilo, se “sim” ou “não”. Esse tipo de questionamentos são simples demais às propostas do JA; entretanto foram os mais utilizados pelos repórteres no decorrer das grandes reportagens. Entende-se, portanto, que o recurso “fala povo” foi mais evidente do que uma entrevista de informação ou de opinião com a população local.

O programa MONTE é um exemplo bem significativo dessa falta de pluralidade de vozes, uma vez que ele se apropriou quase que exclusivamente das opiniões dos *experts*. Um fator que não aparece nos dados, mas é importantíssimo ressaltar é que os índios, que vivem tão próximos e ligados ao Monte Roraima há séculos, em nenhum momento são colocados em destaque na narrativa, a partir do seu saber e conhecimento local sobre a montanha. Ou seja, a “relação entre as pessoas, seu ambiente e as interações resultantes destas relações”, de Caporal e Costabeber (2000), inexistente no conteúdo apresentado, indo ao encontro do que Bucci (2000) fala sobre a exclusão das minorias do cardápio visual da tevê e ao que Bachetta (2000) coloca sobre a mídia desconsiderar a manifestação de sabedorias profundas trazidas

pelos povos aborígenes que, com certeza, seriam relacionadas à interdependência entre o homem e a natureza. Isso, porém, não quer dizer que o Globo Repórter os esteja tratando como “mentalidade primitiva”, porque em outras épocas o programa já realizou grandes reportagens exclusivas sobre os índios. De maneira similar, em MATA, quando a narrativa se passa no litoral de Superagui, nenhum pescador local é consultado para falar sobre as relações das pessoas com o ambiente onde vivem, do qual também tiram seu sustento para sobreviver, dos aspectos positivos ou negativos de residir naquele local ou dos problemas socioeconômicos e socioambientais enfrentados por lá.

A sabedoria que não vem dos livros, das faculdades, instituições de ensino ou das pesquisas científicas apareceu na voz de apenas cinco pessoas nas sete edições: em FLORES, uma vez; em MONTE, três; e em 0°C, uma. A falta de uma pluralidade de vozes também pode ser percebida dentro da própria subcategoria *experts*. Dos 55 especialistas consultados nos programas praticamente 50% eram de biólogos e veterinários, o que homogeneiza os discursos e mantém os programas dessa temática vinculados a uma linha de posicionamento. A alta porcentagem obtida é reflexo do fato de os jornalistas estarem atuando como porta-vozes das fontes e reprodutores de meros consensos sociais (GIRARDI *et al*, 2012); e, também, da dependência estabelecida entre jornalistas e fontes, a qual deixa de incorporar a participação dos cidadãos nas discussões da vida social (DORNELLES, 2008) ou os incorpora de maneira não suficientemente relevante.

TABELA 4: Frequência de aparição das fontes *experts* por especialidade no *corpus* do Globo Repórter

Especialidade	Frequência
Biólogo	22
Médico Veterinário	5
Meteorologista	1
Agrônomo	2
Médico	1
Pesquisador	3
Fruticultor	1
Enólogo	2
Geógrafo	1
Cientista	1
Orquidófilo	1
Botânico	3
Técnico Agrícola	1
Analista Ambiental	1
Estudante de Oceanografia	1
Montanhista	3
Estudioso de Esoterismo	2
Geólogo	1
Mastozoólogo	1
Engenheiro Florestal	1

Fonte: Elaborada pela autora.

Além disso, a “síndrome Lattes” (BUENO, 2008) está evidente nas sete edições. Os *experts* sempre foram creditados nos GCs com a especialidade e respectiva instituição de ensino na qual trabalham. As fontes oficiais não obtiveram tanto lugar de destaque nesses programas justamente pelo fato deles serem referentes à natureza, temática que é especialidade de outros profissionais mais credíveis e aptos a falar do que presidentes, gestores, representantes públicos etc.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste estudo foi traçar um perfil de jornalismo ambiental produzido nas grandes reportagens relacionados à natureza brasileira do Globo Repórter. Para tanto, foram analisada sete edições veiculadas entre 01 de junho de 2012 e 31 de maio de 2013.

Considerando-se os resultados obtidos na análise de conteúdo, é possível apontar algumas respostas. Com base na categorização, definida – predominantemente - a partir dos critérios de noticiabilidade inerentes à prática do jornalismo ambiental (visão multidisciplinar, complexa e sistêmica, profundidade e abrangência do conteúdo, diversidade de vozes e discursos ecológicos), infere-se que o Globo Repórter, não fez jornalismo ambiental nas edições compreendidas por este estudo. Apesar de a análise das unidades de registro comprovar que, em alguns aspectos, houve a intenção de propagar discursos voltados as questões socioambientais, em nenhum momento, no entanto, tal discurso foi significativo. Logo, não é possível traçar um perfil modular de jornalismo ambiental para os programas analisados.

A frequência de 13% encontrada na categoria multidisciplinaridade indica que existe uma forte utilização de outras temáticas para contextualizar e proporcionar explicações de referência aos telespectadores, sem, entretanto, criar um discurso que faça apontamentos articulados entre os domínios disciplinares e mostre uma visão inter-relacionada dos eventos. Eles acontecem fragmentados e independentes. Os 7% categorizados como profundidade e abrangência contra os 19% da superficialidade indicam que, mesmo em um espaço ampliado (como o da grande reportagem, com tempos de produção e exibição mais longos), ainda existem muitas brechas no discurso dos repórteres televisivos e na forma como eles conduzem/mediam conteúdos específicos para um público tão heterogêneo e diversificado, como é o do Globo Repórter. Além do mais, percebe-se um excesso de rapidez na edição de muitos trechos de texto. Vinculado a isso, nota-se, ainda, que há uma falta de preparo de

alguns repórteres para trabalhar com determinados assuntos, o que poderia ser em parte minimizado com uma especialização ou estudo dos assuntos antes das gravações.

Os discursos ecológicos diagnosticados nas narrativas jornalísticas apareceram na frequência de 4% para a corrente ecossocial e 6% para a corrente ecotecnocrática, um percentual que, com certeza, seria bem maior caso o Globo Repórter fizesse jornalismo ambiental. Mesmo assim, observa-se a predominância do discurso ecotecnocrático, isto é, a natureza sendo tratada pelos seus aspectos econômicos, tecnológicos e de mercado. E, na verdade, o jornalismo ambiental alinha-se ao discurso ecossocial. Da diversidade de fontes, infere-se que o Globo Repórter não prioriza fontes oficiais para a temática natureza; mas sim especialistas, sendo que 50% dos *experts* entrevistados eram biólogos e veterinários. A participação da população local foi evidente; porém não de forma contributiva, apenas opinativa, o que não configurou como pluralidade de vozes, nem incorporação dos saberes locais ao discurso - características preconizadas pelo jornalismo ambiental.

A partir da análise conjunta das categorias superficialidade, *performance* e híbrida foi possível deduzir sobre as duas hipóteses explanadas neste estudo. Realmente observa-se uma inclinação para produzir reportagens sobre a natureza ligadas ao espírito aventureiro, onde a mesma é mostrada como um lugar exótico, místico e paradisíaco a ser descoberto e desbravado pela equipe de reportagem. E, por isso, considera-se verdadeira a relação cíclica entre essas categorias, visto que quando o repórter atua de forma mais expressiva no vídeo, ele se preocupa menos com a profundidade da narrativa. O intuito real nesse estilo é mostrar ao telespectador o que acontece ao longo do trajeto e oportunizar imagens nunca antes vistas. A riqueza dessas imagens, por vezes, é tão grande que substituem o texto.

Frequentemente, essa relação cíclica está presente nos programas que abordam a natureza como *infotainment*, ou seja, tratada ao mesmo tempo como informação e como entretenimento. Informação porque fala sobre pesquisas e descobertas, principalmente, do reino animal e vegetal; e entretenimento porque ganha contornos de aventuras e viagens surpreendentes, fascinantes e inéditas a lugares ainda não comumente habitados pelo homem. Entende-se, assim, que a natureza está sendo disseminada como um lugar distante dos seres humanos. E, se está distante, não instiga a população a se sentir parte desse espaço (pois o pertencimento está ligado à proximidade); e, se a população não pertence, não compreende a necessidade da preservação e de manter as boas práticas de convivência com as demais espécies para o equilíbrio geral do planeta.

Acredita-se que a opção pela escolha dos *offs* e passagens do repórter como unidades de registro não influenciou o resultado; afinal, mesmo que os jornalistas precisem recorrer as

fontes para dar explicações técnicas e científicas sobre os fenômenos, é responsabilidade do repórter mediar e dar sentido a fala das fontes na reportagem. Se ele não consegue articular entre a fala dos especialistas, o que ele mostra, as histórias que ele conta e o seu próprio discurso, a matéria pode tornar-se solta, vaga e dependente das fontes. Logo, resta ao repórter apenas a função de introduzir os personagens e fatos da narrativa, ao invés de investigá-los, analisá-los e complementá-los, a fim de instruir o público receptor.

Uma dificuldade encontrada nos trechos analisados foi com relação à extensão dos mesmos. *Offs* e passagens muito extensos foram mais difíceis de categorizar, uma vez que oscilavam e misturavam vários tópicos dentro do mesmo espaço narrativo. Categorizou-se conforme o tópico de maior sobressaliência. Similarmente, nos trechos muito curtos verificou-se tal problema e, para minimizar erros, optou-se por unir os trechos pequenos e subsequentes de maneira que eles conservassem seus sentidos. Vê-se evidente, portanto, que a estruturação da grande reportagem - com introdução, desenvolvimento e conclusão - influencia sobremaneira na classificação, visto que os trechos do desenvolvimento tendem a ser mais concisos e trabalhados e os da introdução mais superficiais; nos da conclusão, no entanto, não se visualizou um padrão, eles variaram de acordo com o repórter.

Os programas proporcionaram espaços para reflexão do telespectador através dos elementos narrativos da televisão, em especial, as músicas, o som ambiente e o silêncio. Contudo, infere-se que os momentos reflexivos, geralmente, estão atrelados à fase final da grande reportagem, quando o repórter faz um discurso conclusivo. Observa-se também que essa conclusão do repórter, na maioria das vezes, tende ao apaziguamento das relações entre homem e natureza, ou seja, deixa o telespectador pensativo, mas com a segurança de que o ciclo natural da terra e da vida vai se responsabilizar pela estabilidade dos acontecimentos. Ao invés disso, o programa deveria instigar a inquietação por parte do telespectador para estimular a consciência de que suas ações particulares influenciam na (ins)estabilidade da coletividade.

O espaço das grandes reportagens do Globo Repórter nas condições atuais analisadas não pareceu, enfim, despontar como um ambiente apto à produção de jornalismo ambiental. No entanto, se pensarmos que a televisão consegue chamar a atenção das pessoas perante aquilo que acontece no mundo e, ao mesmo tempo em que informa, entretém e gera conhecimento à sociedade, percebe-se quanto o potencial desse gênero está sendo desperdiçado. Profissionais (e empresas midiáticas) poderiam usar o espaço das grandes reportagens (visto que, em comparação ao jornalismo diário, possibilita aprofundar mais o conteúdo abordado) de forma pedagógico-educativa, para estimular mudanças sociais

pertinentes a um desenvolvimento sustentável. Talvez por falta de interesse, talvez por não saberem por onde começar essa mudança, talvez porque as influências publicitárias os impeça de inovar a tal ponto ou, quem sabe, ir contra os interesses de grandes anunciantes.

Mas a verdade é que espaço na televisão (e nos meios de comunicação em geral) existe para que se comece a fazer jornalismo ambiental. O que falta, porém, é abertura e uma remodelação nas rotinas de produção, visando criar novas formas de introduzir esses materiais para o grande público, sem ser monótono, desinteressante ou espetacularizado em demasia, mas sim sendo atraente, informativo, aprofundado e educativo. E, nisso, o caráter persuasivo e impactante dos audiovisuais pode contribuir massivamente. É necessário que os profissionais busquem aperfeiçoamento para qualificarem seu trabalho e compreenderem a importância de incorporar nos discursos as problemáticas ambientais de forma integrada, não só pelo lado econômico do desenvolvimento, mas primordialmente pelos enfoques culturais e político-sociais.

REFERÊNCIAS

ANIMAIS Urbanos. Direção: Angela Garamboni. Produção: Jorge Ghiaroni e Júlia Arraes. Repórteres: Paulo Gonçalves, Isabela Assumpção, Ismar Madeira, Rosane Marchetti, Cláudia Gaigher e Beatriz Castro. Editora-Chefe: Silvia Sayão. Realização: Direção Geral de Jornalismo e Esporte. Central Globo de Jornalismo: 2012. 1 vídeo reportagem (46 min).

BACHETTA, Víctor L. **Ciudadanía planetária: temas y desafíos del periodismo ambiental**. Montevideo: Federación Internacional de Periodistas Ambientales / Fundación Friedrich Ebert, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL Abaixo de Zero. Direção: Margarida Santi. Produção: Ana Beatriz Azevedo e Margarida Santi. Repórteres: Ricardo Von Dorff e Kíria Meurer. Editora-Chefe: Silvia Sayão. Realização: Direção Geral de Jornalismo e Esporte. Central Globo de Jornalismo: 2012. 1 vídeo reportagem (44 min).

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni (Orgs.). **Jornalismo Ambiental: Desafios e Reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

_____. **Jornalismo Ambiental: navegando por um conceito e por uma prática**. [s/d] Disponível em: <http://www.agricoma.com.br/agricoma/artigos/jornalismo_ambiental/artigo1.php>. Acessado em: 20 ago. 2013.

BUCCI, Eugênio. Prefácio: Por que falar de televisão? In: _____. **Brasil em tempo de TV**. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia e desenvolvimento sustentável: perspectivas para uma nova extensão rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre: EMATER, v. 1, n. 1, jan./mar. 2000.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21. In: TRIGUEIRO, André. **Meio Ambiente no século XXI: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CRESPO, Samyra. Uma visão sobre a evolução da consciência ambiental no Brasil nos anos 1990. In: TRIGUEIRO, André. **Meio Ambiente no século XXI: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

COSTA, Marília Hugues Guerreiro. O modo de endereçamento do Globo Repórter. In: GOMES, Itânia Maria Mota (Org.). **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

DE LA RUE, Saulo. A grande reportagem entre o mercado e a academia. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Orgs.). **Televisão entre o mercado e a academia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

DEJAVITE, Fabia Angélica. Infotemenimento nos impressos centenários brasileiros. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis: Insular, ano V, n. 1, 1º semestre 2008.

DORNELLES, Beatriz. O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e no ambiental. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni (Orgs.). **Jornalismo Ambiental: Desafios e Reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CURVELLO, Vanessa. Telejornais: quem dá o tom? In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Televisão e Realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

EXPEDIÇÃO Tumucumaque. Direção: Meg Cunha. Produção: Jorge Ghiaroni. Repórter: Cláudia Gaigher. Editora-Chefe: Silvia Sayão. Realização: Direção Geral de Jornalismo e Esporte. Central Globo de Jornalismo: 2013. 1 vídeo reportagem (45 min).

FLORES do Brasil. Direção: Rogério Marques. Produção: Arlete Heringer e Cris Angelini. Repórteres: Monica Sanches. Editora-Chefe: Silvia Sayão. Realização: Direção Geral de Jornalismo e Esporte. Central Globo de Jornalismo: 2012. 1 vídeo reportagem (43 min).

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Contornos do jornalismo contemporâneo. In: _____. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS, 2005.

GELÓS, Hernán Sorhuet. Periodismo Ambiental: eje comunicacional del siglo XXI. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges Toni (Orgs.). **Jornalismo Ambiental: Desafios e Reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; SCHWAAB, Reges. Prólogo: as razões de um conceito. In: _____. **Jornalismo Ambiental: Desafios e Reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho *et al.* Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, v. 34, n.1, jul./dez. 2012. Disponível em: <www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/CSO/article/viewArticle/2972>. Acessado em: 10 out. 2013.

GLOBO Repórter Nos Céus do Brasil – O Bioma Pampa. Direção: Cláudia Guimarães. Produção: Tereza Maia. Repórter: André Luiz Azevedo. Editora-Chefe: Silvia Sayão. Realização: Direção Geral de Jornalismo e Esporte. Central Globo de Jornalismo: 2012. 1 vídeo reportagem (41 min).

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Orgs.). **Metodologia da pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JOIAS da Mata Atlântica. Direção: Meg Cunha. Produção: Cláudia Gaigher, Jaqueline Bortolotto, Jorge Narozniar e Roberta Ferraz. Repórter: Cláudia Gaigher e Dulcinéia Novaes. Editora-Chefe: Silvia Sayão. Realização: Direção Geral de Jornalismo e Esporte. Central Globo de Jornalismo: 2012. 1 vídeo reportagem (43 min).

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Para que serve o jornalismo? In: _____. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LEÑERO, Vicente; MARÍN, Carlos. **Manual de Periodismo**. 7. ed. México, DF: Editorial Grijalbo, 1986. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/zoelzuli/manualdeperiodismo/vicenteleneroycarlosmarin-11002513>>. Acessado em: 17 jun. 2013.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 5. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

MASSIERER, Carine. As rotinas de produção jornalística como o novo vilão do meio ambiente. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveira (Orgs.). **Ecos do planeta: estudos sobre informação e jornalismo ambiental**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acessado em: 15 set. 2013.

MONTE Roraima. Direção: Angela Garamboni. Produção: Ana Rita Mendonça. Repórter: Daniela Assayag. Editora-Chefe: Silvia Sayão. Realização: Direção Geral de Jornalismo e Esporte. Central Globo de Jornalismo: 2013. 1 vídeo reportagem (39 min).

MORAES, Cláudia Herte de. Jornalismo Ambiental: dilemas de uma quase especialidade. In: VI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. São Paulo: UESP, 2008. **Anais Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR)**. Disponível em: <<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/individual23claudiahertedemoraes.pdf>>. Acessado em: 31 out. 2012.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga. O jogo entre intencionalidades e reconhecimentos: Pragmática jornalística e construção de sentidos. **Comunicação e Espaço Público**. Brasília, DF: UnB, Ano VI, n. 1 e 2, 2003.

NELSON, Peter. **Dez dicas práticas para reportagens sobre o meio ambiente**. Brasília: Centro para jornalistas estrangeiros / WWF, 1994.

PONTUAL, Jorge Faure. Reportagem e Documentário em Globo Repórter. In: REZENDE, Sidney; KAPLAN, Sheila (Orgs.). **Jornalismo Eletrônico ao Vivo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo *et al.* O espaço do documentário e da vídeo reportagem na televisão brasileira: uma contribuição ao debate. **Contracampo** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social, v. 17, 2º semestre 2007.

SCHARF, Regina. Verde como dinheiro: economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo? In: VILAS BOAS, Sergio (Org). **Formação e informação ambiental:** jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: _____. **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

TRIGUEIRO, André. Introdução. In: _____. **Meio Ambiente no século XXI:** 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

WOLTON, Dominique. Mídias generalistas e grande público. In: _____. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2003.

ANEXOS

Tabela A: Quantidade de *offs* e passagens analisados por categoria e por programas

PROGRAMA CATEGORIAS	0º C	ANIMAIS	FLORES	MATA	MONTE	PAMPA	TUMUCUMAQUE	TOTAL FINAL
MULTIDISCIPLINARIDADE	14	20	7	10	4	5	9	69
*CULTURAL	9	1	1	1	1	4	0	17
*POLÍTICA	0	1	0	0	0	0	0	1
*SOCIAL	3	17	5	7	0	0	5	37
*HISTÓRICA	0	1	0	1	2	1	1	6
*ECONÔMICA	2	0	1	1	1	0	3	8
VISÃO ECOSOCIAL	5	6	4	4	3	0	2	24
VISÃO ECOTECNOCRÁTICA	7	4	14	0	1	2	5	33
PROFUNDIDADE E ABRANGÊNCIA	3	9	5	7	3	0	10	37
SUPERFICIALIDADE	20	23	4	18	14	12	13	104
PERFORMANCE	10	6	0	8	14	19	12	69
NÃO CATEGORIZADA	49	40	10	20	20	17	33	189
HÍBRIDA:	1	0	0	9	4	1	4	19

Fonte: Elaborada pela autora.